



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE FÍSICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM FÍSICA

AS ESTAÇÕES DE ÉMILIE DU CHÂTELET: UM TEXTO DRAMATÚRGICO
SOBRE A MARQUESA

CAMPINA GRANDE

2024

ARIANE DA CUNHA SOARES

**AS ESTAÇÕES DE ÉMILIE DU CHÂTELET: UM TEXTO DRAMATÚRGICO
SOBRE A MARQUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento do Curso de Física da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciado em Física.

Orientador: Prof. Dr. Alessandro Frederico da Silveira

Campina Grande

2024

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S676e Soares, Ariane da Cunha.

As estações de Émilie du Châtelet [manuscrito] : um texto dramático sobre a marquesa / Ariane da Cunha Soares. - 2024.

59 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Física) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências e Tecnologia, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. Alessandro Frederico da Silveira, Departamento de Física - CCT".

1. Émilie du Châtelet - ciência. 2. Física - mulheres. 3. Arte - educação. I. Título

21. ed. CDD 842.92

ARIANE DA CUNHA SOARES

AS ESTAÇÕES DE ÉMILIE DU CHÂTELET: UM TEXTO DRAMATÚRGICO
SOBRE A MARQUESA

Monografia apresentado à
Coordenação do Curso de Física da
Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciada em Física

Aprovada em: 21/11/2024.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Ruth Brito de Figueiredo Melo** (***.934.704-**), em **25/11/2024 19:01:08** com chave **c6296126ab7811efbc2d1a7cc27eb1f9**.
- **Alessandro Frederico da Silveira** (***.916.624-**), em **25/11/2024 18:53:38** com chave **ba4f1a68ab7711ef946f06adb0a3afce**.
- **Jaene Guimarães Pereira** (***.331.214-**), em **25/11/2024 20:41:30** com chave **cba87c82ab8611ef96111a7cc27eb1f9**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 31/03/2025

Código de Autenticação: 4efba3



AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Maria Elbanise da Cunha Soares e Silas Soares da Fonseca por sempre estimular a minha criatividade quando criança, ou jamais teria escrito um trabalho como este.

Ao meu esposo Caio Melo Oliveira, que esteve comigo e me acalmou em meio as noites mal dormidas. Foi graças a este apoio que eu consegui continuar a avançar.

Agradeço a minha família por terem compreendido, me apoiado e dedicado uma parcela de seu tempo ao longo desta jornada, em especial a minha sogra Carla Melo Oliveira.

Agradeço a minha amiga Ádna Hellen Silva por ter dedicado um tempinho para a leitura do texto dramatúrgico e me dado o seu olhar historiográfico.

Agradeço aos meus colegas universitários por terem me auxiliado com opiniões sinceras sobre o texto dramatúrgico.

Por fim, agradeço ao Prof. Dr. Alessandro Frederico da Silveira por ter aceitado me orientar nessa caminhada árdua. Obrigada pela paciência, dedicação e compreensão que teve ao longo da construção deste trabalho.

RESUMO

O trabalho a seguir tem o objetivo de, por meio do teatro, divulgar a história de Émilie du Châtelet, apresentando suas contribuições para a construção do conhecimento científico, com a finalidade de incentivar e inspirar meninas a adentrarem nos cursos de ciências naturais, em especial a física. Ao longo do texto nós fazemos uma análise teórico-exploratório, buscando identificar os fatores que levaram a separação entre ciência e arte e os benefícios de explorar esta relação no contexto educacional para alcançar o objetivo esperado. Além disso, propomos um método que pode ser utilizado para nortear o educador na aplicação do texto dramático produzido na instituição de ensino em que leciona.

Palavras-Chave: ciência; arte; dramaturgia; mulheres.

ABSTRACT

The following work aims to, through theater, disseminate the story of Émilie du Châtelet, presenting her contributions to the construction of scientific knowledge, in order to encourage and inspire girls to enter natural sciences courses, especially physics. Throughout the text we make a theoretical-exploratory analysis, seeking to identify the factors that led to the separation between science and art and the benefits of exploring this relationship in the educational context to achieve the expected goal. In addition, we propose a method that can be used to guide the educator in the application of the dramaturgical text produced in the educational institution in which he teaches.

Keywords: science; art; dramaturgy; women.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 REFERENCIAL TEÓRICO	9
2.1 O divórcio entre a ciência e a arte e os impactos na educação	9
2.2 A divulgação científica por meio do teatro	10
2.3 As mulheres no cenário científico atual	12
2.4 Um pouco sobre Émilie du Châtelet	14
3 METODOLOGIA.....	17
3.1 A construção do texto dramatúrgico	17
3.2 A construção da proposta	21
4 RESULTADOS	22
4.1 O texto dramatúrgico	22
4.2 Proposta de como trabalhar na escola	23
4.2.1 <i>Leitura exploratória</i>	23
4.2.2 <i>Da escolha e preparação</i>	26
4.2.3 <i>Confecção dos elementos da peça e apresentação</i>	27
5 CONCLUSÃO.....	28
REFERÊNCIAS.....	29
APÊNDICE A	32
ANEXO A- IMAGEM DE CARRUAGEM QUE PODE SER USADA COMO INSPIRAÇÃO PARA O TÓTEM DO CENÁRIO	59
ANEXO B- MOLDE DE LÁPIS DE PENA QUE PODE SER USADO COMO ELEMENTO CÊNICO.....	59

1 INTRODUÇÃO

É difícil imaginar que a ciência e a arte, áreas que pensamos ser tão distantes, estejam tão bem relacionadas. Acontece que não podemos separar completamente a ciência das influências socioculturais, assim como também não podemos negar o poder de transformação cultural que ela possui.

A ciência que, por sua linguagem muitas vezes hermética, se produz aparentemente longe das questões socioculturais, está presente no imaginário da época em que está sendo produzida. Ela é fruto desse ambiente cultural, da mesma forma que ajuda a construí-lo. (Reis, Guerra, Braga, 2006, p. 83)

Sendo assim, para entendermos como campos tão distintos podem se relacionar, vamos fazer algumas considerações. Antes do movimento conhecido como renascentismo surgir, o universo era dividido em duas partes: a supralunar e a sublunar, onde a parte supralunar representava o inalcançável, o divino, a perfeição, regidas por leis distintas. Ainda de acordo com Reis, Guerra, Braga (2006, p. 72), "as pinturas da época eram retratadas por um céu dourado, deixando clara a perspectiva da época do céu sagrado bem evidentes."

Isso mudou após a revolução científica, onde se criou as noções de claro-escuro, utilizadas inclusive por Galileu, conhecimento que adquiriu em Florença, que permitiu que ele pudesse retratar as irregularidades na Lua. Sendo assim, a lua não era mais o símbolo da perfeição e tornou-se apenas um corpo celeste comum.

Os trabalhos de Galileu Galilei e Newton em sua obra intitulada *principia* ajudaram a construir uma visão racionalista, onde Newton afirma que se deve buscar uma única explicação para fenômenos semelhantes. Por esse motivo, não havia razão para distinção entre fenômenos que ocorriam na terra ou em outros lugares. Porém, esse ideal foi questionado.

A Naturphilosophie e o movimento romancista buscou explicações distintas para a natureza. Dizia-se que, na verdade, a matemática não servia como validação do conhecimento, mas que ela estaria na sua beleza e complexidade. Na pintura de William Blake, por exemplo, intitulada "Newton", mostra o cientista debruçado em seus estudos, ignorando a beleza do mundo atrás de si.

Trazendo para vanguardas mais recentes, Marcel Duchamp, artista dadaísta e criador do *readymade*, fazia diversas referências científicas em suas obras, inserindo pêndulos duplos ou uma alusão da via láctea de forma caótica. Reis, Guerra, Braga (2006, p. 82) afirmam que na obra de Duchamp "O grande vidro", as referências científicas também estão presentes.

O grande vidro, de 1915-1923, nas quais novamente as referências científicas estão presentes. Nessa obra, ele coloca uma roda em forma de moinho similar à que aparece no tubo de Crooke. Essa obra é ainda fruto de uma vasta discussão sobre a

representação da quarta dimensão, local onde estaria colocada a noiva, intangível aos celibatários.

Estamos habituados a colocar a ciência em pequenos compartimentos. Um exemplo disso é que no ensino básico as disciplinas são bem divididas, e pouco se estabelece uma conexão entre elas. Sabendo do potencial que a arte possui de unir-se a diferentes áreas do conhecimento, nos perguntamos como poderíamos utilizar a arte para divulgar a história de mulheres da ciência esquecidas ao longo dos séculos, lhes dar o devido reconhecimento que lhes foi negado por tantos anos. Por esse motivo, faremos a construção de texto dramático como um meio didático de divulgação que poderá ser utilizado pelo professor do ensino básico em seu local de trabalho, não apenas com o objetivo de apresentar sua história, mas de inspirar e incentivar meninas a se interessarem pelas áreas das ciências naturais, em especial, a física. Sendo assim, também apresentaremos uma proposta que poderá nortear o docente a trabalhar o texto na escola em que leciona. Para a construção desse material, contaremos a história de Émilie du Châtelet que intitulamos de “As estações de Émilie du Châtelet”, alinhando a linguagem para meninas do ensino médio, onde buscaremos contar os feitos de Émilie em relação a ciência e sua história de forma que a ciência deixe de ser vista como um campo apenas de homens para tornar-se alcançável para elas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O divórcio entre a ciência e a arte e os impactos na educação

É notável que o cenário educacional está em crise. Falaremos aqui especificamente da crise no ensino de ciências. A partir de qual momento a ciência e arte tomaram caminhos diferentes? De que forma essa separação acabou afetando a forma de transmissão dos saberes e quais as alternativas para contornar esta situação? Como dito anteriormente, a ciência e arte eram ligadas. Tanto a filosofia, como a ciência e as inúmeras formas de arte possuem em sua essência o objetivo de interpretar o mundo, cada uma a sua maneira. Todas elas se utilizam das mesmas ferramentas que incluem a observação, as sensações corporais ou sentimentais, a busca por padrões etc. No entanto, a diferença está na forma com que o conhecimento se manifesta em cada uma dessas áreas do saber.

A arte e a ciência podem pensar por conta própria, elas não precisam da criação de conceitos. Elas produzem conhecimento a partir de outros canais, outros processos. A filosofia produz conceitos (Conceptos), a ciência produz proposições (Prospectos) e a Arte produz percepções e sensações (Perceptos e afectos). (Sawada, Araújo-Jorge e Ferreira, 2017, p.163)

Os primeiros problemas conjugais entre arte e ciência se tornou mais evidente quando na proposta de René Descartes (1596-1650), em sua divisão dos conhecimentos, afirmou que a arte não se adequava a categoria de conhecimento, pois não se adequava ao método dedutivo cartesiano da época. Já no século XVIII temos o início da revolução industrial, o período marcado por intensas transformações no que diz respeito a produção de máquinas e produtos em larga escala. Foi também um período significativo para o desenvolvimento do conhecimento científico e onde temos a divisão do trabalho, onde a sociedade ficou à mercê do capitalismo para suprir os interesses da burguesia. Contudo, a organização do trabalho não foi a única coisa que mudou. Durante esse momento da história o trabalho manual era destinado a classe operária, enquanto o trabalho intelectual atribuído a classe burguesa, os donos do capital. Sobre isso, Tonet (2013) afirma:

[...] na fragmentação do processo capitalista de produção da riqueza material e é funcional à reprodução deste. Não por acaso, esta forma de sociedade é que permite a exploração do capital sobre o trabalho e, portanto, a manutenção dos interesses da classe burguesa. Ao impedir uma visão de totalidade do processo social e ao gerar uma compreensão desse mesmo processo apenas em sua aparência, esta forma de saber contribui para reproduzir um tipo de sociedade que favorece os interesses da burguesia.

Em outras palavras, para manter os interesses da classe intelectual, a classe operária possuía apenas a formação necessária para realização do seu trabalho, enquanto a burguesia recebia uma educação de qualidade, afinal, é muito difícil questionar aquilo que não se conhece.

O divórcio definitivo aconteceu no século XIX após a publicação de Auguste Comte (1798-1857) no ano de 1830 do *Curso de Filosofia Positiva*. Entre os conteúdos tratados em sua obra estava contida a classificação das ciências. Sobre isso, Silva e Neves (2015) afirma:

O positivismo entendia os fenômenos como invariáveis e, portanto, passíveis de classificação e organização, restringindo o papel do homem a um simples observador que deveria medi-los e classificá-los. A classificação das ciências proposta por Comte foi adotada na organização dos currículos escolares.

O indivíduo é um ser não apenas dotado de razão, mas também de sentimentos e que integra uma sociedade. Sendo assim, é impossível separar o ser da natureza, assim como é impossível fragmentar a própria natureza. No mundo real, inúmeros fenômenos acontecem simultaneamente, sejam eles de natureza física, química ou biológica, mas a compartimentação desses saberes faz com que conheçamos apenas uma parte do todo, apartando o objeto de estudo do seu sentido. Analogamente, é como se tivéssemos apenas um pequeno recorte de um desenho, sendo improvável associar com todo o resto da obra. Assim como um quebra cabeça, só podemos descobrir como é a imagem de fato após encaixar todas as peças em seu devido lugar, antes disso não passam de suposições de como será.

O pensamento de que “se a ciência disse, então é verdade” também tem origem no positivismo, que defendia a ciência como a única verdade. Não havia mais espaço para a arte, já que apenas o conhecimento advindo da razão era confiável e a subjetividade, a parte em que a natureza se conecta com o ser humano, foi descartada e desvalorizada como conhecimento.

2.2 A divulgação científica por meio do teatro

A arte, por representar o nosso aspecto humano, é capaz de se conectar ao expectador por meio de gestos, palavras, desenhos, entre outros, e transmitir não apenas ideias, mas também sentimentos. Ou seja, ela é capaz de fazer o que a ciência atualmente não é capaz: Unir-se com todas as características intrínsecas aos indivíduos e ligar o conhecimento científico ao meio em que estamos inseridos. Segundo Silva e Neves (2015, p.425), “toda arte é condicionada pelo seu tempo e representa a humanidade em consonância com as ideias e aspirações”.

Dessa forma, a arte por si só possui um caráter interdisciplinar, tendo a capacidade de incluir em suas obras o saber nas suas mais variadas formas.

Para fazer a divulgação científica por meio da arte, em especial por meio do teatro, é preciso fazermos algumas ponderações. As artes cênicas englobam inúmeros saberes, incluindo o conhecimento de outras formas de arte. No teatro é possível utilizar linguagem, dança, música, iluminação, cenário, figurinos, sons, gestos etc., tudo para proporcionar uma experiência

imersiva para o público que a assiste, que, diga-se de passagem, é bastante diversificado. Moreira e Silva (2019, p.212) discute que os aspectos pedagógicos do teatro podem contribuir no ensino de ciências, abordando os assuntos de maneira lúdica e divertida.

No entanto, para que a mensagem seja passada de forma significativa é preciso fazer mais do que apenas ver a arte como uma mera ferramenta para a ciência, uma vez que uma existe independente da outra.

Embora, pouco a pouco, nova mentalidade venha sendo construída, ainda é frequente a visão utilitarista, e equivocada, de que na associação de divulgação científica, o teatro seria mero instrumento a serviço das ciências. Tal compreensão deve ser eliminada, pois deturpa e apequena ambos. O teatro é muito mais que instrumento, a ciência vai além de um conjunto de conteúdos. São formas de ver, registrar e expressar o mundo. Por outras palavras: trata-se de pontos de vista e não devem ser hierarquizados. (Lopes e Dahmouche, 2019, p.317-318)

O teatro proporciona um desafio, tanto para elenco e produção, quanto para aqueles que o observam. Enquanto quem está atrás das cortinas e bastidores tem o desafio de criar uma experiência imersiva que seja satisfatória para seu público, que vai da escrita do roteiro até a criação do conceito e da atuação, quanto para o expectador que é desafiado a interpretá-la. Ainda que a peça teatral seja levada a diferentes lugares, a vivência será diferente em todos eles. A cada apresentação o público, os costumes, a linguagem do público muda. É uma experiência prazerosa para ambos os lados, despertando o interesse daqueles que estão envolvidos na prática.

Sem dúvida alguma, ainda há muito o que se discutir sobre como aplicar este método para que os alunos possam aprender física por meio da arte. Na escola ainda há muitos obstáculos a serem superados, como a questão do tempo disponível ao professor em sala de aula, a ausência das chamadas formações que prepare o professor para propor uma atividade como esta ou a falta de apoio ou estrutura escolar adequada estas práticas. No entanto, os estudos sobre o tema têm crescido cada vez mais, e seu potencial para utilização na prática profissional tem sido reconhecido.

Silveira (2011) desenvolveu uma pesquisa em torno da obra de Michael Frayn intitulada *Copenhagen* para avaliar o potencial de comunicação científica do teatro. O público que compareceu a apresentação teatral era bastante diversificado, contendo alunos do curso de licenciatura plena em física da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e uma parcela de “leigos”. Diante das respostas ao questionário aplicado, foi constatada a eficácia da comunicação e se atentaram para a apresentação de uma ciência mais humanizada. Sendo assim, o autor conclui:

O teatro enquanto manifestação artística comunica, promovendo ao expectador emoções, sentimentos e catarse para reflexão. Dessa forma, nesse movimento dinâmico, o olhar do expectador se renova, se reveste, convidando-o a emergir num

campo onde a reflexão é, no mínimo, uma das possibilidades que se apresenta em sua vivência no processo comunicativo que se realiza.

Já Silva (2023) faz um estudo sobre uma outra perspectiva. A investigação ocorre em torno do produto educacional produzido pela própria autora, buscando avaliar a aplicabilidade do material. Após construção e aplicação do teatro de bonecos em duas instituições distintas. Foi possível perceber o engajamento não apenas dos alunos, também da educadora de uma das escolas. A outra, embora impossibilitada de participar, não pôde deixar de perceber o envolvimento que foi gerado em seus alunos durante toda a atividade, desde os ensaios até a apresentação.

Em sequência, temos Fernandes (2016), que produz um roteiro intitulado “Ah, esse calor!” e o aplica no modelo de teatro de sombras. A pesquisadora percebeu que os alunos se sentiram mais à vontade para expor suas ideias após a apresentação da peça com relação ao conceito de calor. Ela ainda observou que os estudantes relacionavam os elementos do texto a outras disciplinas fora do campo das ciências naturais, como história e filosofia.

Por fim, Almeida (2021) conta sua experiência em sua pesquisa com o teatro de fantoches. Os alunos se ofereceram para participar da construção do espetáculo. Ela relata que vários questionamentos sobre os fatos contidos no roteiro, demonstrando a curiosidade que fora despertada. Ela também descreve a empolgação gerada por eles, que a cada ensaio melhoravam suas habilidades performáticas. Além do envolvimento positivo, o projeto teve boa adesão por parte do público, e ao final, ela afirma:

Durante todo o processo de elaboração e investigação, foi percebido que, aqueles alunos inibidos, menos dispostos, e mais quietos, começaram a interagir e a participar mais do processo. A utilização do lúdico no ensino, nos possibilitou, mostrar a esses estudantes o quanto eles são importantes no processo de construção do conhecimento científico.

Tais observações nos mostram um engajamento positivo nas atividades artísticas, despertando a criatividade que muitas vezes é deixada de lado nas aulas de física.

2.3 As mulheres no cenário científico atual

Ao longo do trabalho fizemos considerações acerca das relações entre ciência e arte, dos impactos que esta separação dos saberes causou na educação e como o conhecimento artístico poderia contribuir para a divulgação científica. No entanto, o nosso objetivo principal é estimular meninas a adentrarem no universo da ciência, e, para isto é necessário identificarmos a natureza do problema a qual iremos enfrentar.

A ciência não só enfrenta problemas na educação, mas também há uma natureza sexista que perdura desde muitos séculos atrás, e ainda que se tenha observado uma melhora ao longo

dos anos, ainda não é o suficiente. Muitas vezes a característica reprodutiva da mulher foi colocada em questão e conseqüentemente afastando-a da esfera pública. Enquanto o homem saía de sua casa para prover a família, a mulher era responsável por cuidar da casa e dos filhos, já que esta teria uma espécie de aptidão natural ou biológica para o cuidado. No período da revolução francesa, a educação destas se restringia apenas ao que era necessário a vida doméstica e religiosa, como leitura, escrita e cálculo básicos. Quando falamos do cenário brasileiro, Lino e Mayorga (2016) afirmam:

No contexto brasileiro, as primeiras escolas de ensino superior se erguiam na segunda metade do século XVI, sendo de responsabilidade dos jesuítas, elas eram voltadas, em sua maioria, para a formação cultural dos homens brancos. As mulheres ficaram de fora do sistema escolar estabelecido no princípio da colônia, em alguns casos frequentavam a catequese. No século seguinte, o acesso à educação foi restrito ou nulo às mulheres, havendo poucos casos de educação familiar e alguns de vida religiosa em conventos.

Ainda assim, a participação da mulher na produção do conhecimento não era nula. A própria Émilie du Châtelet, a protagonista deste trabalho, teve sua inserção na ciência alguns anos antes da famosa revolução francesa, no entanto teve suas contribuições esquecidas ao longo dos anos. A profissionalização da ciência no século XIX trouxe mais um obstáculo para a figura feminina, pois para que pudessem adentrar neste universo tiveram que se esconder atrás de figuras masculinas, como maridos ou familiares.

A primeira mudança significativa deste cenário ocorre quando, no século XX as mulheres reivindicam seu espaço na academia e em profissões tradicionalmente masculinas. Bolzani (2017), em seu ensaio sobre a participação das mulheres na esfera científica nos relembra que, neste mesmo século, Marie Skłodowska Curie (1879-1955) participou na linha de frente da revolução científica e tirando a famosa foto na Conferência de Solvay juntamente a figuras muito conhecidas como Niels Bohr (1885-1962) e Max Plank (1858-1947), posteriormente ganhando, não apenas um, mas dois Prêmios Nobel em áreas distintas, sendo a única a ter conseguido tal feito ao longo da história. Este foi um grande reconhecimento dado ao trabalho desenvolvido por uma mulher.

Grossi et al (2016) faz um mapeamento de como se dá a participação das mulheres pesquisadoras no Brasil. É observado durante a sua análise que as áreas de maior ocorrência de pesquisadoras é as ciências biológicas e a saúde, enquanto a menor é a engenharia, onde há contribuições das ciências naturais, como a própria física. Uma das possíveis causas relacionadas a este fenômeno é que as mulheres costumam optar por áreas com maior flexibilidade devido a maternidade, uma preocupação que geralmente não ocorre no sexo oposto.

Atualmente ainda é comum pensar que a mulher possui uma vocação natural para cuidar dos filhos e da casa, enquanto o homem é incentivado para o pensamento criativo. Não é à toa que, quando estamos falando do magistério exercido na instituição escola, é, em sua grande maioria, ocupada por mulheres. Ainda que a frequência diminua durante a vida escolar, já que nesta fase a profissão ainda está muito atrelada ao conceito de cuidado, o número de mulheres é mais elevado. Mas isso diminui drasticamente quando estamos falando do ensino superior.

O que os homens devem ser e saber fazer socialmente foi construído historicamente e socialmente de forma dicotômica. Às mulheres, na mesma medida, foram associadas características como a delicadeza, zelo, afetividade. Características essas associadas quase que exclusivamente às funções do magistério. Um dos discursos que contribuiu para reforçar a concepção de feminização do magistério é marcado historicamente pela ideia de vocação da mulher para o desenvolvimento da prática. (Grossi et al, 2016, p.18)

No entanto, para analisar o cenário das mulheres na ciência, é preciso levar outros fatores em consideração. Grossi et al nos mostram que, analisando de forma grosseira, até 2010, a porcentagem de pesquisadoras no Brasil era de 50%, mostrando a contribuição que as mulheres proporcionam na construção do conhecimento científico. Mas quando falamos de crescimento profissional o cenário é diferente. Quando analisamos a quantidade de mulheres em cargos de liderança, a diferença é notável, e isso nos mostra o quanto o reconhecimento do trabalho feminino ainda é escasso.

Uma das formas de medir a ascensão profissional de pesquisadores e pesquisadoras é a participação em cargos administrativos, o título de professor ou professora titular, na participação em comitês de assessoramento das agências de fomento à pesquisa científica. [...] É interessante observar que quando a participação no campo científico é associada à liderança de grupos de pesquisa, a participação feminina que se aproximava da igualdade cai consideravelmente. (Lino e Mayorga, 2016, p.102)

Sendo assim, há um longo caminho a ser trilhado. Não é apenas sobre adentrar os espaços das instituições, mas que possam crescer profissionalmente dentro da ciência e que seus trabalhos sejam igualmente reconhecidos, e superar a imagem estigmatizada imposta sobre elas ao longo da história.

2.4 Um pouco sobre Émilie du Châtelet

Gabrielle Émilie Le Tonnelier de Breteuil, posteriormente chamada de Émilie Du Châtelet após seu casamento com o marquês Florent-Claude de Châtelet-Lomont em 1725, nasceu em 17 de dezembro de 1706. Filha do barão Louis Nicolas le Tonnelier e Gabriele Anne de Froullair, baronesa de Breteuil. Émilie é marquesa desde o nascimento, concebendo 3 filhos durante sua vida, com o segundo falecendo um ano após o nascimento. Ela possuía uma posição de privilégios e ignorava muitas das normas estabelecidas para as mulheres da época.

Seu pai, Louis Tonnelier recebia constantemente estudiosos em sua casa, e Émilie sempre demonstrava interesse e curiosidade ainda na infância. Ela traçou um longo caminho até se tornar uma estudiosa respeitada.

Apesar de ter se debruçado em estudos matemáticos, metafísica, linguística e literatura, a marquesa sempre demonstrou um interesse particular pela física, mostrando não ter medo de expressar suas opiniões e gerando diversos debates na academia.

O reconhecimento da marquesa pela sociedade científica veio após sua primeira publicação sobre o fogo, em que afirmava que o fogo não era nem espírito, nem matéria, e por esse motivo não pesava.

A marquesa buscava relacionar os trabalhos de Leibniz e Newton, opinião que acabava entrando em contradição com os estudiosos da época.

Em janeiro de 1740, publica um livro de 450 páginas, o *institutions physique* (Instituições de física), em que realiza cálculos e experiências para corroborar com a teoria das forças vivas, de Leibniz, opondo-se aos cartesianos e newtonianos. (Pereira e Silva, 2021, P.313)

Émilie também se dedicou a trabalhos sobre o papel das mulheres e a educação, como por exemplo: *Fable of the bees* (Fábula das abelhas), *Examens de la bible* (Exames bíblicos) e *Discours sur le bonheur* (Discurso sobre a felicidade). A marquesa veio a falecer 7 dias depois dar à luz após uma infecção devido ao parto em 1749, quando a marquesa tinha 42 anos de idade. Seu filho morreu logo depois.

Pereira e Silva (2021) afirmam que a marquesa não relatou ter sofrido preconceito devido ao seu gênero. Sendo assim, esse problema só foi gerado após sua morte, onde, em diversas ocasiões, Émilie foi retratada apenas como a amante de Voltaire. Especula-se que essa visão tenha se enraizado após a obra *correspondance littéraire* de Madame du Deffande. Nesse sentido, Pereira e Silva (2021, P.311) afirmam: “Nesses escritos, Madame du Deffand, fez uma caricatura bastante medíocre ao publicar o retrato de Madame du Châtelet denegrindo-a perante a sociedade da época.”

Apesar de algumas homenagens e publicações que referenciavam a marquesa, descrevendo-a como uma mulher inteligente, essa parte da história ainda foi ignorada.

Louise Colet dedicou-se a mostrar a importância de suas obras, escreveu palavras lisonjeiras e homenageou a Émilie em público dentro desse referido século (Bartinder, 2003, p. 442). Ainda assim, historiadores da primeira metade do século 20 continuaram a ignorar a figura da mulher filósofa natural em detrimento da amante de Voltaire. (Pereira e Silva, 2021, P.311)

O motivo dessa história ser pouco conhecida pode vir de diversos fatores, como intrigas após a sua morte, a sua ideia de conectar as ideias de Leibniz com as de Newton, ou ao seu

gênero, por não se encaixar ao modelo desejado ou ao nível de seus trabalhos não corresponder ao nível de conhecimento atribuído as mulheres.

3 METODOLOGIA

Diante de toda a reflexão que foi feita acerca da história da marquesa e do método que utilizaríamos para alcançar os objetivos propostos no início deste trabalho, decidimos, que o teatro seria nossa melhor alternativa, dada a sua natureza interdisciplinar discutida anteriormente. Sendo assim, buscamos, a partir de um olhar qualitativo, identificar os aspectos sociais e históricos que nos trouxeram até aqui.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. (Gomes e Minayo, 2007, p.21)

A partir disso, buscando entender a natureza para que pudéssemos desenvolver uma proposta, buscamos materiais que pudessem auxiliar no entendimento sobre a relação entre ciência e arte, e como se deu a problemática da mulher dentro do campo científico para que pudéssemos compreender de maneira mais profunda a realidade a qual nos deparamos. Segundo Teixeira (2005, p.143), “A revisão teórica tem o objetivo de circunscrever um determinado tema-problema dentro de um quadro de referência teórico”. A partir da revisão teórica descrita pelo autor, pudemos identificar o problema para o fenômeno em questão, onde pudemos posteriormente traçar objetivos, métodos, aportes teóricos que sustentassem as hipóteses levantadas e cronogramas de pesquisa para a construção do trabalho.

Após análise teórico-exploratória, pudemos enfim adquirir uma base sólida para a obtenção do texto dramatúrgico que intitulamos de “As estações de Émilie du Châtelet”, e posteriormente a criação de uma proposta para utilização na escola como uma atividade extraclasse. Os tópicos seguintes irão descrever como se deram os processos de construção, tanto do texto, quanto da proposta, a fim de auxiliar o educador na elaboração de seu projeto e aplicá-lo em seu local de trabalho, levando em consideração o contexto que se encontra e os recursos disponíveis para ele.

3.1 A construção do texto dramatúrgico

Neste trabalho de pesquisa buscamos minimizar o apagamento da história da marquesa que foi feito ao longo dos séculos, elaborar um texto dramático alinhado com as perspectivas de Pereira e Silva (2021) sobre a história de Émilie Du Châtelet com fins de divulgação científica.

Pensando no texto não somente como ferramenta de divulgação, nós buscamos escrever a narrativa de forma que fosse despertar no público os sentimentos em relação ao texto dramático, dessa forma, tanto leitor como o expectador da obra, poderiam se envolver por inteiro, tornando o assunto em questão atrativo. O termo das “estações” no título deste trabalho foi pensado dessa maneira, pois a vida está em constante mudança. A vida de Émilie não se trata apenas de seus momentos de glória, mas também está repleta de turbulências. As estações refletem os momentos de sua vida: Tristezas, alegrias, tragédia, amor etc. Acreditamos que para gerar o sentimento de pertencimento dos expectadores, especialmente do público feminino que é para quem estamos direcionando a nossa proposta, é preciso mostrar ao público não apenas o aspecto da razão da figura do cientista, mas também o lado subjetivo, seus sentimentos em relação aos eventos em sua vida.

O quadro abaixo mostra o que, dentre os 42 anos de vida da marquesa, escolhemos retratar em cada ato, sendo eles aqueles que mais influenciaram em sua independência como cientista. Apesar de ter sido estimulada a seguir por este caminho desde cedo, a marquesa ainda era insegura, provavelmente por ser alguém diferente do que se era esperado por uma mulher naquela época, fazendo com que, ainda que fosse boa em cálculo avançado e física, não se achava bom o bastante para escrever suas observações por conta própria.

As etapas da vida de Émilie

Atos	Objetivo	Descrição
Ato 1: Primavera	A primavera é um símbolo do renascimento. Nosso objetivo aqui é retratar o nascimento de Émilie para diversos aspectos de sua vida.	Cena 1: Recorte do último ato com o intuito de causar suspense no expectador; Cena 2: O nascimento de Émilie para a ciência; Cena 3: Retrata como Émilie se tornou a marquesa du Châtelet;

		Cena 4: Mostra como Émilie e Voltaire acabaram se encontrando e construindo a sua relação.
Ato 2: Verão	Aqui nós tratamos do evento de sua vida que a ajudou a amadurecer como mulher para que enfim reconhecesse o seu potencial também como cientista no futuro.	Cena 1: Retrata as inseguranças de Voltaire, pois ele temia que Émilie o deixasse, levando ao seu primeiro feito na ciência junto de seu amado; Cena 2: Apresenta ao público o processo de construção de sua primeira publicação;
Ato 3: Outono	Expõe as turbulências que Émilie passou nesta etapa de sua vida, uma preparação para as tragédias que viriam.	Cena 1: Revela os motivos pelo qual Émilie e Voltaire tiveram que sair de Cirey e como este problema teve sua resolução; Cena 2: Retrata os eventos que antecederam a decisão do casal de participar do concurso da academia sobre o calor, a luz e o fogo.

		Cena 3: Retrata como se seguiram a pesquisa de ambos até o momento da tão esperada publicação.
Ato 4: Inverno	Mostrar o momento mais tenso da vida de Émilie até o eventual descanso.	Cena 1: Apresenta a o processo de Émilie e motivações que levaram a escrita do seu primeiro livro; Cena 2: Aqui, Émilie conclui a sua tradução comentada da obra de Newton durante a sua gravidez e passa pelo tão temido momento do parto

Fonte: Elaboração do autor(a), 2024

Todos os personagens que abordamos na trama de fato existiram ao longo de sua trajetória, no entanto, os diálogos, em sua grande maioria, são fictícios. Ao se produzir um texto dramático, é preciso buscar ir além de apenas relatos feitos pelo narrador, mas também compor diálogos importantes para o desenrolar da trama entre os personagens. Portanto, foi preciso articular diálogos que estivessem entrelaçados com a fala do narrador, que fizessem sentido no contexto da cena e que soassem da forma mais natural possível.

É preciso ter cautela quando se está preenchendo a narrativa desta forma, pois é comum que a fala soe desconexa dos fatos relatados pela figura do narrador, dando a entender para o público/leitor que aquelas interações não ocorreram, e consequentemente, atrapalha a imersão do espectador.

Como se trata de um texto para ser trabalhado na escola, foi necessário adaptar não apenas a linguagem, mas também certas declarações feitas pelos personagens em seus arquivos originais que estavam contidos na obra em que utilizamos para construir a linha do tempo da história da marquesa. O texto foi construído a partir de um livro intitulado “Mentes apaixonadas” do autor David Bodanis. Ele conta com detalhes a história de Émilie e o romance

vivido por ela com Voltaire. Porém, como nosso foco são os feitos da marquesa ao longo de sua vida, contamos a história de forma mais centrada em Émilie, e poucas vezes apresentando os fatos da perspectiva de Voltaire, mantendo o tom sério na narrativa, e retratando o mais fielmente possível os eventos escolhidos para serem apresentados ao longo do texto.

Buscamos, além de tudo, apresentar sugestões de como poderiam ser distribuídos os elementos do cenário. Ainda assim, procuramos deixar o texto maleável, para que o docente pudesse acrescentar elementos, como regionalismos, ou transformá-los para encaixar-se na proposta do educador.

3.2 A construção da proposta

A proposta foi pensada para ser aplicada em um momento extraclasses que possa envolver professores de física com professores de outras áreas do conhecimento, estimulando o contato da física com os demais campos do saber. Buscamos também fazer disto um momento de reflexão, indo além de apenas montagem e apresentação da peça teatral. Por esse motivo propomos uma discussão prévia do texto para que os discentes conheçam bem os personagens que vão interpretar no futuro. Durante a discussão os alunos poderão entender como a ciência é construída. Ainda que o texto tenha sido produzido com a finalidade de estimular meninas entre 15 e 18 anos, é importante que a atividade seja atrativa para todos. Diante desse cenário, a proposta não exclui nenhum dos gêneros, podendo contar com a participação de todos.

Procuramos envolver ao máximo os alunos no desenvolvimento da atividade e estimular a criatividade, levando-os a fazer sugestões e participar ativamente da elaboração do espetáculo. Em seguida, pensamos nos materiais de fácil acesso dos envolvidos na atividade para que pudessem confeccionar os elementos cenográficos.

4 RESULTADOS

Diante de toda a discussão que foi feita ao longo do trabalho, iremos agora apresentar os resultados obtidos através da pesquisa: O texto dramático “As estações de Émilie du Châtelet” e a proposta de aplicação na escola.

4.1 O texto dramático

Retornando ao propósito deste trabalho, que é incentivar e inspirar as meninas do ensino médio a adentrarem no campo científico, o texto possui não apenas as conquistas científicas de Émilie, como também tópicos importantes de sua vida que levaram ao seu amadurecimento como pesquisadora e como mulher na França absolutista. “As estações de Émilie du Châtelet” (Texto completo nos apêndices) retratam esse processo de desenvolvimento da personagem com narrações contextualizadas e diálogos, que embora fictícios, expressam a confiança adquirida por ela ao longo do tempo. O simbolismo acerca das estações é utilizado de forma proposital no título de cada ato, onde a primavera é o nascimento, o verão representa o amadurecimento, o outono é a preparação e o inverno retrata a morte.

A trama do primeiro ato – Primavera – inicia com um pequeno suspense para criar expectativas no público sobre o final da história da marquesa. Em seguida somos levados a infância da personagem, onde o interesse de Émilie por ciência começa. Depois a história logo avança para o momento em que ela decide se casar com Florent-Claude, o marquês du Châtelet, fazendo com que Émilie recebesse o seu título de marquesa du Châtelet. Na última cena deste ato é retratado como a protagonista conheceu e fortaleceu sua relação com Voltaire, uma figura que viria a ser muito importante no iluminismo, que posteriormente influenciaria no advento da revolução francesa.

Já no segundo ato – Verão – composto por duas cenas, revelamos o seu primeiro sinal de amadurecimento quando esta, com a ajuda de Voltaire, escreve sua primeira obra, ainda que não tenha sido publicada em seu nome. Esta foi a primeira vez que suas ideias estavam sendo divulgadas.

No terceiro ato – Outono – é onde vemos a marquesa explorando mais do seu potencial quando volta a Cirey após um incidente envolvendo textos de seu amante que foram adulterados. Ela vence as inseguranças que possuía no ato anterior e toma coragem para publicar o seu artigo sobre o calor, a luz e o fogo no concurso da academia, ganhando a atenção de inúmeras figuras da comunidade científica.

Por fim, o quarto ato – Inverno – Onde Émilie resolve finalmente publicar um livro unicamente de sua autoria, uma obra que gerou grande repercussão na França. Nesse ponto da história, o relacionamento entre ela e Voltaire se quebrou. Foi no relacionamento que tivera posteriormente com um jovem chamado Saint-Lambert, que Émilie engravidou aos 42 anos. Em meio a tensão e o medo de em alguns meses deixar este mundo, ela resolve escrever a sua última grande obra, a tradução comentada da obra “Principia” de Newton, onde ela buscava fervorosamente a resposta para suas últimas perguntas e eternizar o seu nome na história. O texto termina com a morte tanto de Émilie, como do bebê que ela estava para dar à luz, alguns dias depois por conta de uma infecção causada pelo parto. Émilie desaparece deste mundo, nos deixando apenas com suas magníficas obras.

4.2 Proposta de como trabalhar na escola

Considerando fatores como o tempo do professor de física em sala de aula e o período que levaria para aplicação da proposta, sugerimos que esta atividade seja feita em momentos extraclasse para um melhor aproveitamento da prática a ser realizada. É aconselhável que professores de diferentes áreas como história e filosofia, estejam unidos na construção dessa prática.

4.2.1 Leitura exploratória

Quando se trabalha com teatro, a primeira coisa que precisamos fazer é conhecer o texto o qual vamos trabalhar. A primeira coisa a se fazer é reunir os alunos que participarão do processo de construção em um espaço adequado. O ideal é que os alunos se sintam à vontade, livres para expor sua criatividade. Os alunos devem ter o texto a sua disposição. O professor realizará a primeira leitura sozinho, fazendo pausas sempre que achar necessário iniciar uma discussão.

NARRADOR: No início eles foram discretos. Os encontros, por vezes aconteciam na casa de Émilie, e outras na casa de Voltaire. A descrição acabou quando os dois, na rua, se beijaram. Atração física não era a única coisa que os unia, havia também um encontro de intelectos entre eles e Émilie não precisava esconder a paixão que sentia pelas ideias de Newton.

ÉMILIE: Descartes afirmou que os planetas se moviam em redemoinhos invisíveis no éter cuja força inicial foi dada por Deus no momento de sua criação. Já Newton prevê a existência de uma força invisível que ele chamou de gravidade. Ele não só afirma a sua existência, como também mostra matematicamente como ela atua. Além disso, segundo os seus cálculos, o éter apenas atrapalharia o movimento dos planetas. *(Diz enquanto mostra os papéis onde estariam os cálculos que fizera para demonstrar)*

VOLTAIRE: Ouvi falar de Newton quando estive na Inglaterra, mas não pensei sobre suas ideias desta forma. *(Diz um pouco alheio)*

Neste momento do texto o professor poderia explorar por exemplo, o que seria o éter a que ela se refere, como ele supostamente influenciava no movimento dos planetas e as diferenças da teoria de Descartes com a teoria de Newton sobre a existência da gravidade. Além disso, é possível discutir problemas sociais da época que influenciavam na construção do conhecimento científico. Em vários momentos do texto, não somente Émilie, mas também outros personagens, deixam claro a influência religiosa em suas explicações sobre os fenômenos naturais.

ÉMILIE: Se de fato conseguir medi-lo, então não apenas provará a existência da gravidade, como também, diferente do que afirmara Descartes, mostrará que Deus não só deu a força inicial, mas que está constantemente atuando para que os planetas e astros não saiam de suas órbitas.

MAUPERTUIS: Exatamente! Se os planetas realmente girassem em redemoinhos seguindo o impulso inicial de Deus, como ele diz ser, os planetas sairiam de suas órbitas por não terem uma força externa que pudesse corrigi-los.

O trecho acima mostra exatamente o momento em que os personagens utilizam da ciência como meio para provar a existência de Deus e o fascínio que ambos possuem pela divindade.

NARRADOR: Eles passaram seu tempo em Cirey testando muitas outras coisas como o fato de a lua parecer maior no horizonte, ou medir o quanto uma aparentemente entorta ao mergulhá-la na água. Até mesmo instalaram um telescópio no mesmo quarto que usaram para fazer o experimento do prisma para observar os anéis de Saturno. Voltaire terminou de escrever em meados de 1736, mas apenas o nome

dele estava na capa. Era a ordem usual das coisas naquela época. No início de seu manuscrito ele deixou um agradecimento a “Marquesa du Ch**”, que graças a ela, Voltaire estava agora oferecendo esta obra ao público. Ele ainda desenhou um frontispício que mostrava uma deusa graciosa usando um espelho para direcionar a luz vinda de Newton em sua nuvem celestial para um humilde escriba. As ideias de Émilie estavam finalmente sendo divulgadas.

Neste trecho, o nome de Émilie não é colocado na capa do livro apesar de ter contribuído em grande parte no trabalho desenvolvido por ela e Voltaire. Nesse momento os alunos podem se questionar o motivo. Se Voltaire valorizava tanto as ideias de sua amada, então por qual motivo ele não escreveu seu nome da capa como autora da obra? Que fatores da época podem ter contribuído para que esta decisão fosse tomada?

NARRADOR: Émilie e Voltaire se esforçaram para não falar sobre seus campos de atuação um com o outro, mas Voltaire reuniu as pistas e descobriu o atual interesse de Émilie em Leibniz, inimigo mortal de Newton. E ele, como um apoiador das ideias newtonianas, pensou que automaticamente deveria rejeitar as ideias de Leibniz. Ele achava aquilo um absurdo, mas Émilie não via dessa forma. Na verdade, ela se sentia muito privilegiada por poder ver tudo de fora, assim não era influenciada pelas visões das academias.

NARRADOR: Apenas 70 anos depois, em 1800, um astrônomo chamado Herschel, que sequer conhecia o trabalho de Émilie, fez quase o mesmo experimento descrito por ela. Como a posição do sol varia gradualmente, em algum momento o termômetro que media a temperatura da luz vermelha ficaria no escuro, mas a sua temperatura não diminuiria, sugerindo a presença de uma cor que não poderia ser detectada pelos nossos olhos. Herschel havia descoberto a luz infravermelha. Além de sugerir a experiência, Émilie também escreveu que no universo existiria uma enorme variação de cores, mas que muitas não eram visíveis. Infelizmente, qualquer trabalho que tivesse relação com os ideais newtonianos seria automaticamente barrado. [...]

NARRADOR: Émilie e Voltaire se esforçaram para não falar sobre seus campos de atuação um com o outro, mas Voltaire reuniu as pistas e descobriu o atual interesse de Émilie em Leibniz, inimigo mortal de

Newton. E ele, como um apoiador das ideias newtonianas, pensou que automaticamente deveria rejeitar as ideias de Leibniz. Ele achava aquilo um absurdo, mas Émilie não via dessa forma. Na verdade, ela se sentia muito privilegiada por poder ver tudo de fora, assim não era influenciada pelas visões das academias.

Os trechos acima mostram conflitos entre as teorias aceitas na época e as novas teorias newtonianas, bem como discussões entre os cientistas. Por qual motivo a França não aceitava as ideias newtonianas? Qual a origem da discussão entre Leibniz e Newton? Por qual motivo Émilie pensa que as academias poderiam influenciar em seu posicionamento? É importante que questionamentos dessa natureza surjam para que o discente entenda que a ciência não está separada da sociedade, e que por vezes o nível de aceitação ou o modo como foram pensadas podem ter sido sujeitas a fatores externos e quais aspectos subjetivos acabaram por influenciar o processo.

4.2.2 Da escolha e preparação

Agora que a leitura exploratória foi feita e os alunos conhecem bem o contexto e os personagens que irão interpretar, é hora de escolher os atores. Para isso, uma segunda leitura será feita, dessa vez os alunos que a farão. Sugerimos que o professor alterne os alunos que farão a leitura ao longo do texto, já que, para otimizar o tempo desta atividade, não será possível fazer a leitura mais de uma vez. Outra possibilidade seria escolher uma única cena e, posteriormente, colocar um grupo por vez para interpretá-la. Dessa forma, o professor poderá ver as habilidades de cada discente e decidir, juntamente com os demais, quem fará cada um dos personagens.

O objetivo da atividade é fazer com que os alunos possam participar do processo de construção da peça com a mediação do professor. Sendo assim, o professor pode debater com os alunos sobre composição do cenário, iluminação, local de apresentação, som, figurino, a forma como o experimento será mais bem realizado no palco, e até mesmo criarem juntos um conceito próprio. Além disso, o docente pode sugerir que os alunos adaptem o roteiro a sua maneira de forma que não se perca a essência do texto. O intuito dessa etapa do processo é estimular a criatividade.

Os demais alunos que não atuarão podem auxiliar nos bastidores. Os discentes podem ser divididos em grupos que serão designados para funções específicas e muito importantes para montagem e realização da peça. Listamos algumas destas funções na tabela abaixo.

Função	Grupo
Figurino	Grupo 1
Iluminação	Grupo 2
Som	Grupo 3
Contrarregra	Grupo 4

Fonte: Elaborado do autor(a), 2024

O texto foi pensado de forma que os elementos do cenário pudessem ser adaptados com os materiais disponíveis na escola, ou que seja de fácil acesso para alunos e professores. Ensaios devem ser feitos semanalmente. O Educador em comum acordo com os alunos e a instituição podem decidir a frequência com que serão realizados esses encontros de acordo com a disponibilidade dos envolvidos.

4.2.3 Confeção dos elementos da peça e apresentação

Este tópico é destinado a dar breves sugestões para a confecção dos elementos da peça. Em dado momento da narrativa é citada a presença de uma carruagem. Utilizando papelão, pode-se criar um totem inspirado nas carruagens do período retratado na peça (Anexo 1). Os alunos podem arranjar formas criativas de confeccioná-la, seja com papel, adesivos, tintas ou os lápis para desenhar os detalhes que desejarem.

Mesas e cadeiras podem ser as já disponíveis dentro do ambiente escolar. Quanto a caneta utilizada na época, se não dispor de uma pena, pode-se imprimir um molde (Anexo 2), colorir e colar em uma caneta comum. Já o pequeno pote de tinta, basta utilizar um pote vazio pequeno de maquiagem, como de sombra ou delineador. É preferível que este pequeno recipiente seja transparente. A tinta preta em seu interior pode um pequeno pedaço de massinha de modelar, evitando incidentes que manchem o figurino ou molhem o palco aconteçam.

Antes da apresentação, é aconselhável realizar um ensaio geral para sincronizar a atuação aos demais elementos, como a troca de cenários, entrada e saída dos efeitos sonoros, iluminação e prova de figurino, evitando a ocorrência de problemas durante o espetáculo. Depois da apresentação sugerimos uma pequena pausa para discutir tudo o que foi visto com o público. É aconselhado que este momento seja planejado e executado em conjunto com professores de disciplinas como história e filosofia, analisando o recorte histórico apresentado na peça sob diversas facetas.

5 CONCLUSÃO

Após uma análise teórico-exploratória, pudemos fazer algumas constatações. Começamos por uma investigação dos motivos que fizeram com que a ciência e a arte tomassem novos rumos. Pudemos constatar que, na revolução industrial, a relação entre essas duas áreas do saber sofreu um grande golpe graças a influência positivista da época. Com isso, decidiu-se que a subjetividade da arte não mais cabia dentro da ciência.

Concluimos também que essa separação também impactou na educação, gerando a compartimentação do conhecimento, onde supostamente as áreas são incapazes de interagir umas com as outras. No entanto, quando se tem apenas uma pequena visão do todo, se torna uma tarefa muito difícil conectá-las de forma a se ter novamente uma visão ampla da realidade.

Sendo assim, propusemos que uma abordagem interdisciplinar seria a melhor alternativa para suprir as lacunas deixadas após a divisão dos saberes. Dessa forma, escolhemos o teatro como ponte interdisciplinar devido ao enorme leque de possibilidades que ele nos proporciona, sendo possível até mesmo de envolver outras formas de arte para a composição do espetáculo.

Depois disso nós fizemos uma pequena análise dos desafios atuais da mulher pesquisadora, constatando a falta de valorização e reconhecimento do trabalho de cientistas mulheres na produção científica, sobretudo nas áreas das ciências naturais. Além disso, fizemos uma pesquisa sobre a história de Émilie du Châtelet, a fim de retratar de forma fidedigna as suas contribuições a ciência.

Levando tudo isso em consideração, construímos um texto dramatúrgico com fins de divulgação científica, cujo objetivo central é o incentivo de meninas em idade escolar, especificamente as que se encontram na fase do ensino médio, a adentrarem nos cursos de ciências, sobretudo a física. Nesse texto pudemos contextualizar o período em que a marquesa vivia e como tais aspectos influenciaram ao longo de sua vida.

Posteriormente, nós finalizamos com uma proposta extraclasse para nortear o educador no desenvolvimento da atividade na escola em que este leciona. Embora o material busque atingir apenas uma parcela da turma, a proposta foi pensada de uma maneira que pudesse envolver a todos os alunos que estiverem interessados em desenvolver a atividade junto ao professor, e propondo a utilização de materiais de fácil acesso.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Magna Cely Cardoso de Lima. **Astronomia em sala de aula: Uma experiência com teatro de fantoches**. Orientador: Alessandro Frederico da Silveira. 2021. Dissertação (Mestrado) – Curso de Ensino de Ciências e Educação Matemática, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2021.
- ALMEIDA, Carla; HAMILTON, Wanda. O teatro no contexto da divulgação científica: Muito praticado, ainda pouco compreendido. **Revista Poiésis**, v.24, n.41, Jan-Jun, p. 106-125, 2023.
- AUGUSTO, Thaís Gimenez da Silva; CALDEIRA, Ana Maria de Andrade. Dificuldades para a implantação de práticas interdisciplinares em escolas estaduais, apontadas por professores da área de ciências da natureza. **Investigações em Ensino de Ciências**, São Paulo, v.12, n.1, p. 139-154, jan. 2007.
- BODANIS, David. **Mentes apaixonadas: Émilie du Châtelet e Voltaire, o grande caso de amor do iluminismo**. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- BOLZANI, Vanderlan da Silva. Mulheres na ciência: Por que ainda somos tão poucas?. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 69, n. 4, p. 56-59, out-dez, 2017.
- CAMAS, Nuria Pons Vilardell; LAMBACH, Marcelo; SOUZA, Fernando Roberto Amorim. Interdisciplinaridade e alfabetização científica: Um ensaio sobre os dois lados da mesma moeda. **Ensaio em Revista**, Uberlândia, v.28, e017, p. 1-23, 2021.
- CACHAPUZ, Antônio. Arte e ciência no ensino das ciências. **Revista Interacções**, [S.l.], v. 10, n. 31, p. 95-106, 2014.
- FERNANDES, Angela Maria Barbosa. **A história da ciência por meio do teatro: A teoria do calórico contada em cena**. Orientador: Alessandro Frederico da Silveira. 2016. Dissertação (Mestrado) – Curso de Ensino de Ciências e Matemática, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2016.
- GALVÃO, Cecília. Ciência na literatura e literatura na ciência. **Revista Interacções**, [S. l.], v. 2, n. 3, 2006.
- MORAES, Silvia Elizabeth. Interdisciplinaridade e transversalidade mediante projetos temáticos. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v.86, n.213-214, p. 38-54, mai-dez, 2005.
- PEREIRA, Jaene Guimarães; SILVA, Ana Paula Bispo da. Marquesa Du Châtelet na história da ciência do século 18. In: MONTENEGRO, Rosilene Dias; SILVA, Fábio Ronaldo da;

GROSSI, Márcia Gorett Ribeiro. et al. As mulheres praticando ciência no Brasil. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.24, n.1, p. 11-30, jan-abr, 2016.

GUEDES, Raquel da Silva (Org.). **História das ciências e tecnologia**: Onde estão as mulheres?. Campina Grande: Editora Amplla, 2021. p. 307-317.

LINO, Tayane Rogeria; MAYORGA, Cláudia. As mulheres como sujeitos da ciência: Uma análise da participação das mulheres na ciência moderna. **Saúde & Transformação Social**, Florianópolis, v.7, n.3, p. 96-107, 2016.

LOPES, Thelma; DAHMOUCHE, Mônica Santos. Teatro, ciência e divulgação científica para uma educação sensível e plural. **Urdimento**, Florianópolis, v.3, n.36, p. 306-325, nov-dez, 2019.

LOPES, Telma. Luz, arte, ciência... ação! **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, v. 12 (Suplemento). p. 401-418, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.); GOMES, Suely Ferreira Deslandes Romeu. **Pesquisa social**: Teoria, método e criatividade. 26 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

REIS, Nirly Araujo dos; MOREIRA, Leonardo Maciel; SILVA, Erivanildo Lopes da. Teatro, experimentação e divulgação científica na educação básica: Uma tríade possível para a alfabetização científica. **Revista de Ensino de Ciências e Matemática**, São Paulo, v.10, n.1, p. 209-227, 2019.

REIS, José Cláudio; GUERRA, Andreia; BRAGA, Marco. Ciência e arte: Relações improváveis?. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, v.13 (Suplemento), p.71-87, out. 2006.

SAWADA, Anunciata Cristina Marins Braz; ARAÚJO-JORGE, Tania Cremonini de; FERREIRA, Francisco Romão. Cienciarte ou Ciência e Arte? Refletindo sobre uma conexão essencial. **Educação, Artes e Inclusão**, [S.l.], v.13, n.3, set-dez, p. 158-176, 2017.

SILVA, Josie Agatha Parrilha da; NEVES, Marcos Cesar Danhoni. Arte e ciência: Possibilidades de reaproximações na contemporaneidade. **Interciência**, Caracas, v.40, n.6, jun, p. 423-432, 2015.

SILVA, Daniely Maria Oliveira da. **Harmonices mundi**: A relação entre ciência e música através do teatro de bonecos. Orientador: Alessandro Frederico da Silveira. 2023. Dissertação (Mestrado) – Curso de Ensino de Ciências e Matemática, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2023.

SILVEIRA, Alessandro Frederico da. **A divulgação da ciência através do teatro**: Um estudo em *copenhague* de Michael Frayn. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM

EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 7. 2000, Florianópolis. Artigo [...] Florianópolis. VII Enpec, 2000, p. 1-12.

SILVEIRA, Alessandro Frederico da. **O teatro como instrumento de humanização e divulgação da ciência**: Um estudo do texto ao ato da obra Copenhague de Michael Frayn. Tese (Doutorado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) – Universidade Federal da Bahia. Salvador. 2011.

TENÓRIO, Olivia Gonçalves; MARQUES, Jéssica Carla Oliveira do Nascimento. **Artes, ciências e divulgação científica**: Uma interação necessária. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 14, Caldas Novas, UEG, 2021.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias**: Academia, da ciência e da pesquisa. 8 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

TONET, Ivo. Interdisciplinaridade, formação humana e emancipação humana. **Serviço Social & Sociedade**, [s. l], v. 1, n. 116, p. 725-742, dez. 2013.

TRINDADE, Diamantino Fernandes. Interdisciplinaridade: Um novo olhar sobre as ciências. In: FAZENDA, Ivani. **O que é interdisciplinaridade?**. São Paulo: Editora Cortez, 2008, p. 65-83.

APÊNDICE A

TEXTO DRAMATÚRGICO: AS ESTAÇÕES DE ÉMILIE DU CHÂTELET

ATO 1 – PRIMAVERA

CENA 1: TURBULÊNCIAS

Émilie caminha pelos corredores a passos largos. Seu semblante nervoso devido as suas intensas preocupações. Suas mãos repousavam elegantemente entrelaçadas acima de sua barriga sobressalente indicando a proximidade do nascimento. Ela adentra pelas enormes portas que davam para o seu quarto. A luz fria da lua entrava pelas janelas e iluminavam a sua escrivaninha. Ao lado direito, uma pilha de páginas escritas. Perto delas havia uma caneta tinteiro com uma pena graciosa. Ela senta logo a frente dos papéis em branco. Antes de começar, ela olha para a paisagem externa. A lua que iluminava o ambiente com a pouca luz que tinha para oferecer fez com que ela respirasse profundamente. Seus olhos se fecham buscando acalmar a si mesmo diante das adversidades. Ela olha para sua cama pensando em si mesmo deitada ali num futuro próximo. Pisca algumas vezes para focar naquilo que precisava fazer. Émilie acende a vela ao seu lado, pega a pena e mergulha a caneta na tinta, repousando em seguida a ponta da ferramenta de escrita no papel.

Luzes se apagam

Fim da cena 1

CENA 2: O NASCIMENTO DE ÉMILIE PARA A CIÊNCIA

Luzes se acendem

Sentados à mesa de jantar estavam Émilie. Ao seu lado direito, seu pai, Louis-Nicolas, e sua mãe, Gabrielle-Anne, do lado esquerdo. Ao lado de sua mãe estava sua prima Renée-Caroline, e por fim, o ilustre convidado Bernard le Bovier de Fontenelle que se sentava ao lado de seu pai.

NARRADOR: Aos 10 anos de idade, Émilie jantava com seu pai, Louis-Nicolas, sua mãe, Gabrielle-Anne, e sua prima de 14 anos, Renée-Caroline. Todos ouviam o que Bernard le Bovier de Fontenelle tinha a dizer sobre as últimas descobertas científicas. Seu pai, e principalmente Émilie, ouviam mais atentamente as palavras do cientista. Bovier estava

fascinado pelo interesse evidente da garota, enquanto sua mãe e Renée pareciam claramente desinteressadas. Gabrielle, em especial, lançava olhares de desaprovação para a filha.

Empregados entram servindo ovos cozidos a todos. Cada um os pega elegantemente para quebrar. Gabrielle espia pelo canto dos olhos o que Émilie faria, e sua testa franze imediatamente. Ela repreende a filha rapidamente com um tapa discreto em sua mão. Bovier por sua vez, não parou de falar um minuto sequer.

GABRIELLE-ANNE: Émilie! Sempre deve começar a quebrar os ovos na parte inferior. Veja sua prima. *(Sussurra para a filha)*

Gabrielle olha para Renée com admiração enquanto ela faz perfeitamente aquilo que ela mesma havia instruído sua filha a fazer.

ÉMILIE: Desculpe, mamãe.

Émilie faz o que a mãe diz, mas continua focada nas palavras de Bovier.

BOVIER: Pense em saturno como um grande farol e nos meteoros como as grandes embarcações. A gravidade é como a luz do grande farol saturno que atrai os grandes cometas para si. Eles permanecem ao redor do planeta, formando os seus grandes anéis.

ÉMILIE: Isso é tão fascinante, senhor Bovier! Então além de outros planetas, ainda existe um deles que é rodeado por um anel feito dos cometas que ele atrai?!

BOVIER: Exatamente! E não apenas isso, mas também existem outros sistemas solares como o nosso. Estrelas sendo rodeadas por planetas, e todos esses sistemas estão dentro de uma faixa branca que chamamos de via láctea.

ÉMILIE: Fantastic... *(Diz com os olhos brilhando de admiração)*

BOVIER: Nosso planeta não é o único neste universo tão vasto e isso é incrível. Me faz pensar que Deus fez um ótimo trabalho em sua criação.

NARRADOR: Para Louis-Nicolas sua filha era especial e fazia questão de ajuda-la em sua busca incessante por conhecimento, ainda que sua esposa, Gabrielle-Anne, não aprovasse as atitudes de seu marido.

Luzes se apagam

Fim da cena 2

CENA 3: O NASCIMENTO DA MARQUESA DU CHÂTELET

Luzes permanecem apagadas

NARRADOR: Enquanto jovem, Émilie era um pouco desajeitada, mas ao crescer ela ganhou corpo, um rosto oval e enigmático, além de ser uma mulher muito segura. Uma beleza quase

tão bonita quanto sua mãe na juventude. Seu pai estimulou a prática de atividades físicas como esgrima e equitação. Além disso, Louis-Nicolas barrou todas as tentativas de Gabrielle-Anne de mandá-la para um convento. A família mergulhou em uma crise financeira logo após a morte de Luís XIV, tornando o seu dote mediano. Aos 15 anos ela já sabia que não gostaria de passar sua vida no convento, caso contrário, teria que lidar com punições severas e visitas de apenas 30 minutos de seus pais a cada 3 meses. Em contrapartida, ela sabia que teria que se casar com um homem que ao menos lhe desse espaço para estudar e que tivesse condições de manter seu bem-estar, mas não se iludiria pensando que encontraria alguém que estimulasse sua criatividade. O atual regente estimulava a indulgência sexual e os homens ao seu redor não paravam de importuná-la, mas pela primeira vez as aulas de esgrima lhe seriam úteis.

Luzes acendem

Jacques de Brun reunido com mais dois amigos. Émilie entra em cena a passos largos, para próximo ao soldado e aponta para ele.

ÉMILIE: Soldado Jacques de Brun, chefe da guarda real, eu o desafio para um duelo de espadas.

JACQUES: Quem seria a senhorita? *(Pergunta, pendendo a cabeça para um dos lados)*

Os amigos de Jacques observam a cena curiosos e olhavam uns para os outros como se o pedido de Émilie fosse um completo absurdo e riam.

ÉMILIE: Pode me chamar de Émilie.

JACQUES: Acredito que a senhorita não tenha noção do que está pedindo. Volte para casa.

ÉMILIE: Sei o que estou fazendo, soldado. Duele comigo.

Os dois amigos cruzam os braços na frente do corpo e sorriem como se já soubessem o resultado, enquanto Brun se aproxima de Émilie puxando a espada de sua cintura. Émilie também puxa a sua espada e ambos ficam em posição para começar o duelo. Diversos homens se juntam ao redor deles, assim como Gabrielle-Anne com uma expressão de vergonha e desgosto. Após uma disputa longa e acalorada o empate é declarado.

Sonoplastia de um duelo de espadas

JACQUES: Foi um duelo interessante, senhorita Émilie. *(Diz enquanto aperta a mão da jovem)*

ÉMILIE: Digo o mesmo, senhor Brun. Obrigada. *(Responde gentilmente enquanto aperta a mão do soldado)*

GABRIELLE-ANNE: Ai meu Deus... Minha filha espanta os homens... *(Resmunga)*

Émilie caminha e se senta à mesa onde as pessoas se reuniam para jogar cartas. O dealer lhe entrega algumas e ela começa a jogar.

NARRADOR: Os homens a deixaram em paz assim como ela queria. Ela pôde voltar a estudar. No entanto, os seus preceptores de Paris já não tinham mais nada a oferecer. Na era absolutista a terra era o centro do universo onde os demais planetas e o sol giravam em torno de nós, e inúmeras partículas de luz estavam fixas numa abóboda cristalina. Isto parecia óbvio quando se fazia observações diretas, e a ideia de um universo imutável sustentava uma autoridade divina. Tudo havia sido criado por Deus, por isso era perfeita e imutável, e não se poderia dizer outra coisa. Essa visão foi questionada por astrônomos. Copérnico e Kepler estava entre eles, e seus argumentos não eram baseados apenas em observação e intuição, mas era possível demonstrar. Com a crise financeira de seu pai, Émilie não tinha dinheiro para comprar novos livros, mas por ser habilidosa em matemática e geometria analítica ela conseguia contar as cartas e passou a financiar seus estudos com o que ganhava nas apostas. Uma vez ela voltou para casa com 2 mil luíses, deixando seu pai impressionado.

Émilie pega o prêmio do jogo no centro da mesa e se levanta, sentando-se numa poltrona ao lado de seu pai enquanto tomava uma xícara de chá com seus seis irmãos.

NARRADOR: Mesmo que Émilie pudesse viver uma vida semi-independente, mulheres solteiras eram facilmente esquecidas, e não era o que ela queria. Aos 17 anos o mercado dos casamentos já estava fechando, então era hora de se render e agir.

IRMÃO 1: O que acha de Florent-Claude?

LOUIS-NICOLAS: O marquês de Châtelet-Lomont? Ele foi mosqueteiro e um dos generais do Rei Sol. A herança foi dividida com seus irmãos mais novos, mas ele ainda possui bastante dinheiro. É um homem decente e poderá prover uma boa vida para você, Émilie.

IRMÃO 2: O que acha, irmã?

ÉMILIE: Desde que me deixe estudar, então não tenho objeções.

LOUIS-NICOLAS: Conversarei com ele.

NARRADOR: Florent-Claude era um homem de meia idade troncudo e educado, e uma vez que os interesses de ambas as famílias foram alinhados, o dote foi pago e o marquês a pediu em casamento.

Émilie, pai e irmãos saem de cena. Florent-Claude aparece sentado a mesa com mais e amigos. Eles estão bebendo todos juntos.

AMIGO 1: Vai mesmo casar-se com a senhorita Tonnelier?

FLORENT-CLAUDE: Certamente (*Responde e toma um pequeno gole da bebida*)

AMIGO 2: Soube que ela desafiou o chefe da guarda real para um duelo de espadas, mas nenhum deles venceu.

AMIGO 3: É uma mulher muito... peculiar...

FLORENT-CLAUDE: Breteuil é influente na corte, enquanto o sobrenome Tonnelier e as riquezas que ele traz pode me ser úteis no futuro

AMIGO 2: De fato... não é algo que podemos negar.

Luzes se apagam, mas acendem após alguns instantes. Émilie e Florent-Claude aparecem sendo recebidos pelo povo de Semur que estavam ansiosos para receber a nova marquesa.

NARRADOR: O povo de Semur, na Borgonha, que era onde se localizava o marquesado de Florent-Claude, se reunia às 12 horas do dia 29 de setembro para receber o novo casal, mas foi apenas às 16 horas que os sinos das três grandes igrejas tocaram e todos enfim puderam conhecer a nova marquesa que havia passado uma temporada com sua família antes de assumir suas obrigações. Florent-Claude estava orgulhoso. Oficialmente casados, Émilie agora era a Marquesa du Châtelet. Ao final da recepção, eles se dirigiram juntos ao castelo de Semur, residência formal do casal, de carruagem. Aos 18 anos Émilie já estava casada, e não demorou muito para conceber seus três filhos, mas ainda assim ela se sentia só.

Luzes se apagam

Fim da cena 3

CENA 4: O NASCIMENTO DOS DOIS AMANTES

Luzes permanecem apagadas

Arouet/Voltaire está a conversar com dois guardas em frente a bastilha.

NARRADOR: Em frente aos enormes portões da bastilha havia um homem de 23 anos, que trajava uma camisa de renda branca e calça preta, e conversava com dois guardas que vigiavam o local. O seu nome era François-Marie Arouet, e havia boatos, espalhados por ele mesmo, que o poema que circulava em Paris contendo versos que atacavam a vida particular do regente foi escrito por ele. Durante o momento em questão, um jovem interiorano chamado Beauregard passava por lá.

Luzes acendem

AROUET/VOLTAIRE: Estou realmente feliz em ver estas enormes torres de alvenaria da grande bastilha. Foi aqui que eu pude estar na companhia de grandes amigos. *(Diz aos guardas num tom alto e claro como se recitasse um poema)*

Beauregard entra em cena e se aproxima de Arouet/Voltaire e os dois guardas.

GUARDA 1: Este homem é louco... *(Cochicha com o seu companheiro)*

GUARDA 2: Definitivamente. Nunca vi alguém falar tão alegremente de seus dias na prisão... *Beauregard entra em cena e para próximo a Arouet/Voltaire*

BEAUREGARD: Veja se não é o jovem Arouet!

AROUET/VOLTAIRE: Sim, sou eu (*Diz sorrindo intensamente*)

BEAUREGARD: Arouet, é verdade que escreveu aqueles versos sobre o regente?

AROUET/VOLTAIRE: Sim, é verdade?

BEAUREGARD: Mas é um homem tão jovem, senhor Arouet... Não acredito que tenha escrito uma obra tão perfeita com tão pouca idade.

AROUET/VOLTAIRE: Pois acredite, Beauregard. Fui eu mesmo que escrevi. Inclusive tenho outros poemas como aquele em minha casa.

BEAUREGARD: Pois saiba que estou impressionado. O senhor é um jovem muito talentoso.

AROUET/VOLTAIRE: Obrigado, senhor Beauregard.

NARRADOR: Mais tarde descobriu-se que Beauregard era um espião da polícia. Depois desse episódio na porta da Bastilha, Arouet foi preso. Naquela época, o reino havia acabado de perder o rei Luís XIV, deixando o trono para o seu filho Luís XV. Mas ele tinha apenas 5 anos de idade. Sendo assim, as decisões finais ficavam a cargo do regente Órleans, que enfrentava oposição de inúmeras facções poderosas, e por este motivo o governo era sensível a textos que afetassem a sua opinião pública, afinal, quem em sã consciência apoiaria um governante que supostamente mantinha relações incestuosas com sua própria filha? Durante as investigações, Arouet fez com que os guardas procurassem inutilmente até mesmo nas fossas insalubres de Paris, mas nada encontraram. Ainda assim, o regente Órleans manteve sua decisão e Arouet permaneceu detido.

Arouet/Voltaire é levado preso pelos dois guardas. Eles o jogam na cela e saem de cena, enquanto Arouet/Voltaire permanece ali com uma expressão triste e solitária em seu rosto.

NARRADOR: Enquanto estava preso, apesar dos privilégios que recebia, a noite ele se sentia sozinho, como se estivesse sendo silenciosamente conduzido para a morte. Ele desejou profundamente se tornar alguém diferente e respeitado. Com o pouco que tinha na prisão, ele começou a trabalhar numa peça que contava uma nova versão para o mito de Sófocles. Para se tornar quem ele queria, quando saiu da prisão, ele também mudou o seu nome e ficou conhecido logo após a primeira encenação de seu Édipo como Voltaire.

Luzes apagam e acendem instantes depois com Voltaire reunido à mesa com alguns Aristocratas. Todos estavam rindo de algo.

NARRADOR: Agora ele era um grande poeta na França. Voltaire fez amigos em meio aos aristocratas. No entanto, um em particular estava sempre a provocá-lo.

Rohan entra em cena e se aproxima da roda com um sorriso presunçoso na direção de Voltaire.

ROHAN: Vejo que o grande Voltaire está se divertindo...

VOLTAIRE: Está me perseguindo, senhor Rohan? É a terceira vez que o vejo esta semana.

ROHAN: De forma alguma. Como está seu pai? Ele foi vê-lo quando saiu da prisão? Não o vi com você em momento algum desde que saiu... Talvez os boatos sejam verdadeiros... O senhor é realmente o bastardo da família Arouet. Jamais imaginaria que alguém com suas origens alcançaria uma fama tão grande...

VOLTAIRE: Ainda assim honrei o meu nome. E o senhor? O que fez para honrar o seu? *(Diz e sai de cena)*

Luzes se apagam.

NARRADOR: Dias depois Rohan volta a provocá-lo da mesma maneira, e após receber a mesma resposta de Voltaire ele resolveu se vingar. Um criado lhe procurou dias depois dizendo que um cavalheiro lhe esperava do lado de fora. Ao sair, foi pego por um grupo de guarda costas e espancado enquanto Rohan assistia. Voltaire não recebeu apoio algum de seus “amigos” aristocratas, e na tentativa de dar o troco, foi preso após ser visto praticando esgrima. Como Rohan era nobre, Voltaire foi exilado da França e mandado para a Inglaterra. Lá ele pôde conhecer um mundo diferente daquele que vivera durante anos. Parecia haver mais liberdade religiosa, pois cristãos, judeus e mulçumanos eram vistos negociando livremente entre si. Havia também um sistema de tubulações mais eficiente de forma que os empregados não precisavam levar água de quarto em quarto, e um serviço postal mais moderno. Voltaire, com o tempo, aprendeu a falar inglês e começou a desenvolver novas formas de trabalhar. Decidiu que as cartas que enviava para o seu amigo Thieriot eram perfeitas para transmitir seus conhecimentos que adquiriu na Inglaterra e mostrar o que havia de errado em seu país de forma mais consistente, algo que a poesia não poderia lhe proporcionar. Em 1729, Voltaire voltou a Paris. Quando chegou, o governo havia anunciado uma loteria. Recentemente, a moratória de alguns títulos municipais foi anunciada e muitos estavam portando títulos vazios. Apenas os portadores desses títulos poderiam participar, mas não acreditaram, pois o governo já os havia enganado no passado inúmeras vezes. Voltaire percebeu que os títulos eram como bilhetes e juntamente com seu amigo La Condamine e alguns outros, comprou quase todos os títulos. Quando ganhou, todos eles dividiram a fortuna, e após alguns investimentos bem-sucedidos, Voltaire se tornou um dos homens mais ricos da França. No entanto, com uma vida mais fácil, sem ter com quem lutar ou por quem viver, sua vida se tornou monótona. Mas isso mudou quando um casal de amigos foi visitá-lo, levando consigo alguém de quem ele poderia gostar.

Luzes acendem e Voltaire aparece sentado na poltrona de sua casa lendo. Ele escuta batidas em sua porta.

VOLTAIRE: Entre!

Voltaire vê o casal de amigos juntamente com Émilie e se levanta para cumprimentá-los.

AMIGO 1: Boa noite, meu bom amigo! *(Diz enquanto abraça Voltaire, dando alguns tapas em suas costas como bons amigos)*

VOLTAIRE: Não esperava vê-los. Confesso que estava desejando boa companhia.

Voltaire repara em Émilie que estava atrás do casal.

VOLTAIRE: E quem seria esta jovem que vos acompanha?

AMIGO 2: Esta é uma amiga que voltou de Semur. Senhor Voltaire... Esta é a Senhora du Châtelet, esposa do respeitado marquês.

ÉMILIE: Émilie du Châtelet, senhor Voltaire. É um enorme prazer conhecê-lo.

VOLTAIRE: O prazer é meu, senhora du Châtelet. Por favor, sentem-se. Fiquem à vontade. Gostariam de um pouco de água?

AMIGO 2: Não, obrigada. Como o senhor está?

VOLTAIRE: É ótimo não ter que se preocupar com dinheiro, mas confesso que fico um pouco entediado as vezes. O que acham de sairmos? Me ajudará a sair da rotina. E não se preocupem, eu pago a comida e bebida de todos. São meus convidados.

AMIGO 1: É claro, meu amigo. O que acham? *(Pergunta, voltando-se para Émilie e sua cônjuge)*

Todos se levantam, vão para uma mesa e comem todos juntos enquanto conversam.

NARRADOR: Todos concordam e vão para uma estalagem a luz de velas. Além de conversar, eles comeram galinha cozida no vinho. Durante a conversa, Voltaire se encantou por Émilie e eles quase que imediatamente se tornaram amantes.

O casal de amigos sai de cena, enquanto Voltaire e Émilie permanecem em cena e ela pega alguns papéis, que ela espalha em cima da mesa, e um livro que ela abre diante dos dois.

NARRADOR: No início eles foram discretos. Os encontros, por vezes aconteciam na casa de Émilie, e outras na casa de Voltaire. A discrição acabou quando os dois, na rua, se beijaram. Atração física não era a única coisa que os unia, havia também um encontro de intelectos entre eles e Émilie não precisava esconder a paixão que sentia pelas ideias de Newton.

ÉMILIE: Descartes afirmou que os planetas se moviam em redemoinhos invisíveis no éter cuja força inicial foi dada por Deus no momento de sua criação. Já Newton prevê a existência de uma força invisível que ele chamou de gravidade. Ele não só afirma a sua existência, como também mostra matematicamente como ela atua. Além disso, segundo os seus cálculos, o éter apenas atrapalharia o movimento dos planetas. *(Diz enquanto mostra os papéis onde estariam os cálculos que fizera para demonstrar)*

VOLTAIRE: Ouvi falar de Newton quando estive na Inglaterra, mas não pensei sobre suas ideias desta forma. *(Diz um pouco alheio)*

NARRADOR: Nessa época, Émilie e Voltaire foram passar algumas semanas em um castelo que Voltaire havia mandado reformar em Cirey, na região de Champagne, distantes o suficiente da capital e também de Semur. Com o tempo o relacionamento dos dois esfriou. Ela desenhava linhas de força em suas discussões com Voltaire, mas a mente dele vagava para outro lugar. Já ele, em meio as suas crises de desinteria, testava secretamente o amor de Émilie, avaliando se seu cuidado para com ele era suficiente. Se ela cuidaria dele como uma mãe cuida de seu filho. Segundo ela, isso tornava Voltaire insuportável. Émilie estava com idade próxima aos 30 anos, mas ainda tinha uma bela forma física, enquanto Voltaire tinha 39. Ela sentia que ele já não era mais o homem que lhe apoiaria e a ajudaria a se tornar quem ela gostaria. Com ambos frustrados, acabaram por se separar.

Maupertuis entra em cena e Voltaire se levanta para recebê-lo e apresentá-lo a Émilie.

VOLTAIRE: Émilie, este é meu amigo Pierre-Louis de Maupertuis. Ele estudou com os principais matemáticos da Europa e é um grande especialista quando se trata das teorias newtonianas.

ÉMILIE: Muito prazer, senhor Maupertuis *(Diz ao se levantar e cumprimentá-lo com uma das mãos e um sorriso caloroso)*

Voltaire dá um pequeno tapinha nas costas de Maupertuis e sai de cena, enquanto isso, Maupertuis senta no lugar em que Voltaire estava e Émilie toma novamente o seu lugar à mesa.

NARRADOR: Em 1733, Émilie e Maupertuis começaram a se relacionar. Maupertuis recentemente havia mostrado que se a gravidade existisse de fato, a terra seria levemente esmagada sempre que rodasse, como uma pizza que se abre quando o cozinheiro a joga para cima. Maupertuis havia calculado esse achatamento e este assunto era frequente em suas discussões com Émilie sobre ciência. “Seria possível ir até o polo norte e medir este achatamento?” ele pensou.

ÉMILIE: Se de fato conseguir medi-lo, então não apenas provará a existência da gravidade, como também, diferente do que afirmara Descartes, mostrará que Deus não só deu a força inicial, mas que está constantemente atuando para que os planetas e astros não saiam de suas órbitas.

MAUPERTUIS: Exatamente! Se os planetas realmente girassem em redemoinhos seguindo o impulso inicial de Deus, como ele diz ser, os planetas sairiam de suas órbitas por não terem uma força externa que pudesse corrigi-los.

Ambos param na posição em que estão como se o tempo tivesse parado

Sonoplastia de suspense

NARRADOR: Algum tempo depois, Émilie e Voltaire sentiram falta um do outro. Maupertuis era bom, mas ele não podia oferecer a Émilie o que ela esperava de uma relação. Em fevereiro de 1734, Voltaire começou a cortejá-la. Émilie manteve seu relacionamento com ambos, mas isso não demorou muito e logo terminou as coisas com Maupertuis para focar no seu relacionamento com seu amado Voltaire.

Luzes se apagam

Fim da cena 4

Fim do 1º Ato

ATO 2: VERÃO

CENA 1: INSEGURANÇAS

Luzes permanecem apagadas deixando apenas a voz do narrador e música de suspense no fundo.

NARRADOR: Émilie e Voltaire voltaram novamente para o pequeno castelo em Cirey. Ela, ao receber uma carta, descobriu que sua mãe estava doente. Émilie partiu, mas antes que o fizesse, escreveu uma carta a Maupertuis.

Luzes acendem

Émilie aparece em cena em sua escrivaninha escrevendo a carta para Maupertuis.

ÉMILIE: *Começa a ler a carta abaixo em voz alta.*

Querido Maupertuis,

Espero que esteja bem e que sua jornada ao polo Norte esteja sendo como imaginou. Recentemente eu soube que minha mãe está doente e estou partindo para a capital para visitá-la.

Deve ser deveras cansativo a responsabilidade que tomou para si de medir a curvatura terrestre. Sei que demanda bastante tempo e trabalho árduo. Por isso, se estiver interessado em descansar na capital por alguns dias, gostaria de convidá-lo a passar algum tempo comigo e com nossos amigos enquanto eu estiver em Paris, sei que vai gostar do espetáculo de ópera que está em cartaz. Podemos nos encontrar no Café Gradot, sei que gosta bastante de lá.

De: Marquesa Émilie du Châtelet.

Um criado aparece em cena e Émilie entrega a folha dobrada com a carta e o criado a leva embora, saindo de cena. Émilie sai de cena logo depois e Voltaire entra e se senta no sofá da sala.

NARRADOR: Émilie enviou a carta para Maupertuis, mas a resposta não chegou a tempo. Na verdade, como ele não tinha a intenção de encontrá-la, Maupertuis a enviou diretamente para o castelo em Cirey. Voltaire não a leu, mas viu quem era o remetente.

Empregada entra e serve uma xícara de café para Voltaire

VOLTAIRE: Diga-me... o que significa quando uma mulher manda uma carta para o seu ex amante?

EMPREGADA: Talvez ainda haja sentimento entre eles... *(Respondeu, dando de ombros)*

VOLTAIRE: Foi o que pensei. Obrigado.

Empregada se retira e Voltaire continua bebendo seu café com uma expressão preocupada no rosto.

NARRADOR: Voltaire na verdade se sentia inseguro. Ele já ultrapassava os 40 anos, e na França, ainda que alguém sobrevivesse até essa idade, o mau estado dos ossos e as doenças eram agravadas devido a insalubridade e a contaminação da água. Até mesmo corpos, quando não enterrados em covas rasas, eram jogados no rio Sena. Já Maupertuis era jovem, e por isso Voltaire achou que era uma boa ideia adicionar mais um campo de atuação em seu currículo. Foi então que Émilie finalmente chegou de sua viagem a Paris.

Émilie entra em cena, seguida por um empregado que carregava as suas malas.

VOLTAIRE: Émilie! Fico feliz que tenha finalmente voltado! *(Disse ao se levantar com um largo sorriso no rosto. Ele abre os braços e dá um beijo suave nas duas bochechas de sua amada)*

ÉMILIE: Sim. Também estou feliz em revê-lo, querido. Paris não mudou absolutamente nada, parece exatamente do jeito que a deixamos. *(Responde com um sorriso gentil)*

EMPREGADO: Com licença *(O empregado cumprimenta e se retira com as malas para guardá-las)*

Tanto Émilie, quanto Voltaire fazem uma espécie de mini reverência com a cabeça para se despedir do criado que tinha trabalho a fazer.

VOLTAIRE: E como está sua mãe?

ÉMILIE: Ainda doente, mas quando parti ela parecia um pouco melhor. Renée também a visita de vez em quando. Gosto que ela não fique sozinha.

VOLTAIRE: Ótimo. Isso me deixa mais tranquilo.

Eles se sentam um ao lado do outro. A criada traz uma xícara de café para Émilie também e logo se retira.

VOLTAIRE: Émilie, querida. Lembro de ouvi-la comentar que gostaria de fazer um relato da obra de Newton. Diga-me... Ainda está interessada?

ÉMILIE: Sim, ainda quero. Mas por que está me perguntando isso? (*Questiona, curiosa*)

VOLTAIRE: Na verdade, ultimamente estou interessado em expandir meus horizontes. Portanto, gostaria de saber se poderia ajudá-la com isto. Sabe que sou um ótimo escritor ainda que não seja bom na linguagem matemática.

ÉMILIE: Claro que sim! (*Diz animada*). Estou muito feliz que queira trabalhar comigo nisso. *Voltaire e Émilie continuam conversando.*

NARRADOR: A verdade é que Émilie interpretava perfeitamente aquelas equações, mas era insegura quando se tratava de escrever seu próprio livro para publicação. Por esse motivo a ajuda de Voltaire veio em boa hora. Quem melhor do que ele para ajuda-la com isso?

Luzes do palco diminuem drasticamente.

Vários criados entram e começam a martelar as paredes e fechar as janelas para isolar o quarto da luz. Émilie e Voltaire os supervisiona.

Sonoplastia de uso de ferramentas.

CENA 2: O ARCO-ÍRIS DE CIREY

NARRADOR: Émilie e Voltaire precisavam seguir com cuidado e respeitar todas as etapas do processo. Newton havia publicado o seu livro intitulado “Óptica”, onde ele afirma que a luz branca era formada por outras cores diferentes de luz. Para confirmar suas hipóteses, Émilie e Voltaire deveriam reproduzir o experimento feito por ele para verificar suas afirmações.

ÉMILIE: Fechem tudo! Precisamos que o quarto fique perfeitamente escuro.

Émilie sai de cena, mas logo volta com o experimento.

ÉMILIE: Venham. Me ajudem a colocar no lugar.

Voltaire e alguns criados se aproximam e ajudam Émilie a instalar o experimento no palco. Uma vez instalado, todos os criados saem de cena e apenas Émilie e Voltaire permanecem no lugar.

VOLTAIRE: De acordo com os relatos do próprio Newton, quando a luz branca que sair daquela pequena fresta passar por este prisma ela se dividirá em outras 7 cores, como um arco-íris.

Neste momento o experimento será realizado no palco. As luzes devem estar apagadas e será necessária alguma improvisação por parte dos atores da peça. É claro que isso também vai depender do método que o docente e seus alunos escolherem para reproduzir o experimento em questão.

Luzes se acendem novamente.

Quando o experimento termina, Voltaire vai para a sua escrivaninha e Émilie, que segurava suavemente o ombro de seu amado com uma das mãos, olhava o que ele escrevia com uma expressão de admiração.

NARRADOR: Eles passaram seu tempo em Cirey testando muitas outras coisas como o fato de a lua parecer maior no horizonte, ou medir o quanto uma aparentemente entorta ao mergulhá-la na água. Até mesmo instalaram um telescópio no mesmo quarto que usaram para fazer o experimento do prisma para observar os anéis de Saturno. Voltaire terminou de escrever em meados de 1736, mas apenas o nome dele estava na capa. Era a ordem usual das coisas naquela época. No início de seu manuscrito ele deixou um agradecimento a “Marquesa du Ch**”, que graças a ela, Voltaire estava agora oferecendo esta obra ao público. Ele ainda desenhou um frontispício que mostrava uma deusa graciosa usando um espelho para direcionar a luz vinda de Newton em sua nuvem celestial para um humilde escriba. As ideias de Émilie estavam finalmente sendo divulgadas.

Luzes se apagam.

Fim da cena 2

Fim do 2º Ato

ATO 3: OUTONO

CENA 1: VISITA INDESEJADA EM CIREY

Luzes permanecem apagadas

Sonoplastia de suspense e de cavalos andando

NARRADOR: A felicidade de Émilie e Voltaire foram interrompidas quando ele recebeu mais uma ordem e prisão. Em 9 de dezembro de 1736, Voltaire escreveu ao seu amigo Argental.

Luzes acendem

Voltaire e Émilie esperam sentados na carruagem enquanto ele escreve algo numa folha em cima da capa de um livro.

VOLTAIRE: Acabamos de deixar Cirey. São 4 horas. Estamos em Vassy, onde devo trocar de cavalos. *(Ele lê em voz alta)*

COCHEIRO: Senhor Voltaire, sua carruagem chegou.

ÉMILIE: Adeus, querido... *(Diz com um semblante e um tom triste na voz)*

VOLTAIRE: Adeus, amada Émilie...

Cocheiro e Voltaire correm para fora de cena.

Luzes apagam.

Carruagem é retirada do cenário.

Coloca-se novamente os sofás/poltronas.

Émilie se senta em uma das poltronas e Richelieu entra em cena, ocupando a outra poltronas.

NARRADOR: Émilie e Voltaire pensaram que jamais se veriam novamente. Émilie estava de volta a Paris e se perguntara quem teria feito aquilo.

Criada entra com xícaras de chá, tanto para Émilie, quanto para Richelieu, e depois se retira.

ÉMILIE: Obrigada, senhor Richelieu. Se não tivesse enviado seu mensageiro, não teríamos tido tempo para tirar o senhor Voltaire de Cirey.

RICHELIEU: Foi um prazer, senhora du Châtelet.

ÉMILIE: Me pergunto quem teria roubado e modificado o poema que ele escrevera e enviara aos seus amigos sobre a nossa vida em Cirey.

RICHELIEU: Não sei, mas a senhora sabe o que a corte pensa sobre nobres vivendo felizes longe do centro de poder. Voltaire possui inimigos demais, há muitos olhos voltados para ele e nenhum deles gostaria que Voltaire obtivesse recursos para formar uma oposição ao poder.

ÉMILIE: Vou tentar resolver este contratempo. Voltaire continuará seguro enquanto seguir o meu plano.

NARRADOR: Tudo dependia da discrição de Voltaire, mas isto nunca foi seu forte, e acabava anunciando quem era de fato por todas as estalagens que passava. Enquanto isso, Émilie acabara tomando conhecimento de uma história que há muito foi ocultada.

RICHELIEU: O que descobriu?

ÉMILIE: Eu tenho uma meia-irmã.

RICHELIEU: Como? *(Pergunta surpreso)*

ÉMILIE: É uma longa história, mas tentando resumir... meu pai foi apaixonado por uma moça chamada Anne Bellinzani. No entanto, ele, em um de seus casos, acabou engravidando uma de suas amantes e casou-se com ela. Anne se sentiu traída, e por esse motivo tentou ir para um convento, mas seu pai a impediu e forçou-a a se casar. A esposa de meu pai acabou perdendo a criança ainda em seu ventre pouco tempo após o casamento e ele decidiu se separar da moça.

Anne e meu pai tornaram-se amantes e com o tempo ela engravidou. Então, quando o correspondente do senhor Bellinzani, pai de Anne, na corte faleceu, ela e seu marido decidiram se divorciar, mas a criança acabou nascendo antes do processo ser finalizado, fazendo com que a criança fosse registrada sem um sobrenome, já que meu pai não poderia registrá-la e tampouco seu marido o faria. Michelle, a bebê, foi mandada ao orfanato. Todos achavam que sem cuidados a criança havia falecido, mas para surpresa de todos ela havia sobrevivido.

RICHELIEU: Entendo. O que não consigo compreender é o que a garota ganha tramando contra a senhora e o senhor Voltaire.

ÉMILIE: Ela não. Meu primo.

RICHELIEU: Não entendo onde essa história vai chegar. *(Diz ligeiramente confuso)*

ÉMILIE: Eu descobri que corre um processo judicial na corte onde Michelle reivindica parte da imensa fortuna Breteuil. Meu primo, o famoso secretário de guerra, e uma pessoa totalmente desagradável, não quer perder uma parte sequer de sua fortuna e também sabe que eu apoiaria a garota. Ele garantiu que o poema chegasse ao Cardeal Fleury sabendo que o oficial Phélypeaux não poderia a oportunidade de usar isto contra Voltaire. Ele queria mostrar que tinha poder para destruir Cirey para me forçar a apoiá-lo na batalha judicial. E teria funcionado se ele não fosse ambicioso demais.

RICHELIEU: Está falando das cartas de sua mãe endereçadas ao seu marido?

ÉMILIE: Exatamente. Meu primo conseguiu convencer a minha mãe a mandar as cartas a Florent-Claude sobre um suposto caso extraconjugal entre mim e o senhor Voltaire na intenção de me provocar. Ela se incomoda que eu seja tão diferente do padrão, e claro, meu interesse por ciência a lembrava do primeiro amor de meu pai, Anne Bellinzani. Ela adorava astronomia. Meu pai casou-se com ela logo após seu divórcio com Anne por indicação de seus amigos e por dinheiro. Naturalmente ela gostaria de me forçar a ser uma mulher comum em Paris, enquanto meu primo queria que eu voltasse em desonra. Mas o que eles não sabiam é que Florent-Claude esteve em Cirey inúmeras vezes. Ele e Voltaire até mesmo caçaram juntos, além da gratidão que ele sente pela reforma que ele fez em Cirey. Florent-Claude também vem de uma cultura em que esposa e marido não passam muito tempo juntos. Ou seja, ele considera Voltaire como um amigo, e agora que ele está sabendo da situação eu só preciso sentar e esperar os planos de meu primo desmoronando.

RICHELIEU: Que ingênuo... Ele não sabe o quanto é imprudente mexer com amigos de soldados militares?

Émilie responde apenas com um sorriso malicioso no rosto e uma risada anasalada, por fim, levando a xícara a boca com os olhares fixos em Richelieu.

NARRADOR: E foi exatamente o que aconteceu. Enquanto Émilie contava as novidades ao seu amigo Argental por meio de Cartas, o marquês partia para Paris com o objetivo de responder o Cardeal Fleury. O cardeal não quis desagradar uma das famílias mais importantes daquela província fronteiriça, Semur, apenas por simples textos forjados. O primo de Émilie foi tirado de seu posto e não poderia mais ser ministro da guerra por muitos e muitos anos. Sendo assim, Émilie e Voltaire poderiam voltar a Cirey.

Luzes se apagam

Fim da cena 1

CENA 2: DE VOLTA A CIREY

NARRADOR: De volta a Cirey, Émilie perdoou Voltaire pelas suas atitudes impulsivas na estrada, mas ela não esqueceu que ele os expôs ao perigo. Perigo este que só foi revertido por suas ações. Isso a fez se tornar mais confiante. Voltaire passou a trocar cartas com o príncipe da Prússia. Sua alteza Frederico, filho do rei Frederico Guilherme, sofreu nas mãos de seu progenitor no passado, sendo agredido regularmente pelo seu pai. Quando tentou escapar, o rei capturou-o, assim como seu amigo, e matou o seu companheiro. O príncipe foi preso na fortaleza Küstin aos 18 anos, sendo solto aos 21, quando atingiu a maioridade legal. Desde então, ele passou a morar numa mansão particular na fronteira da Prússia, mas ainda assim dependia da boa vontade de seu pai. Voltaire achava que ter uma boa relação com o príncipe poderia lhe dar um abrigo caso precisasse no futuro. Émilie, no entanto, sabia que seria arriscado, pois Voltaire ficaria a mercê da vontade de rei nada confiável.

Luzes acendem

Voltaire caminha pelo palco, Émilie o segue apressada logo atrás.

VOLTAIRE: Veja bem, Émilie... Estou pensando em aceitar a oferta de sua alteza...

ÉMILIE: Voltaire, querido. Eu não acho que isso seja uma boa ideia.

Voltaire para e se vira para Émilie, que está com uma expressão preocupada no rosto. Émilie também para assim que Voltaire também o faz.

VOLTAIRE: Não se preocupe, querida... é apenas uma visita... *(Diz pegando delicadamente a mão da marquesa e depositando um beijo suave no dorso)*

Voltaire se vira e sai. Émilie pisca algumas vezes, levemente confusa, antes de perceber que ele já estava indo embora.

ÉMILIE: Voltaire! Espere! *(Exclama antes de sair apressada atrás dele)*

Émilie e Voltaire saem de cena.

NARRADOR: Émilie sabia que não era bem assim. Provavelmente o príncipe estava interessado em encontrar um poema inédito para exibir na corte e afirmar ser amigo íntimo do grande Voltaire. Ela tinha planos e providenciou tudo antes da chegada do emissário, que seria mandado para supostamente averiguar o castelo e contar suas impressões ao príncipe.

Émilie entra apressada seguida por alguns criados.

ÉMILIE: Teremos uma visita muito importante em breve. Quero que preparem fogos de artifício e um jantar com as melhores receitas da França. Também preciso de lanternas coloridas com os dizeres “A esperança da raça humana” bem ao lado do nome de sua alteza. E o mais importante... Trouxeram o que pedi?

Um dos criados dá um passo a frente com algumas correntes e cadeados em mãos.

ÉMILIE: Perfeito.

Ela coloca uma folha de papel dentro de um cofre-forte e o tranca. Depois pede que os criados a ajudem a colocar as correntes ao redor da porta e prendê-las com os cadeados.

ÉMILIE: Este é o poema sobre Joana D’arc. É tão jocoso é pornográfico que provavelmente nos traria grandes problemas.

NARRADOR: Não era apenas isso, mas o poema também tinha piadas sobre líderes políticos contemporâneos que eram ridicularizados sexualmente. A existência desses textos era apenas um boato dentre a alta sociedade. Por esse motivo, Émilie manteve as chaves consigo.

Émilie guarda as chaves no sutiã. Voltaire e o Emissário aparecem caminhando lado a lado.

VOLTAIRE: Muito obrigado, senhor Keyserlink. Sinto que o dia foi bastante agradável.

EMISSÁRIO K.: Eu que agradeço, senhor Voltaire, por sua incrível hospitalidade.

VOLTAIRE: Não foi nada. Será realmente uma honra receber sua alteza no futuro.

EMISSÁRIO K.: Direi a ele tudo que vi aqui. Mas antes de partir... eu poderia fazer um último pedido? Se não for incomodá-lo, é claro.

VOLTAIRE: Mas é claro que pode, senhor Keyserlink.

EMISSÁRIO K: Poderia levar alguns de seus poemas? Tenho certeza de que sua alteza, Frederico, iria apreciar este gesto.

ÉMILIE: Claro! *(Ela grita de fora do palco e entra em cena com alguns papéis em mãos, posteriormente entregando-os ao emissário)* Estes são alguns rascunhos do senhor Voltaire. Tenho certeza de que sua alteza irá gostar.

EMISSÁRIO K.: Obrigado pela gentileza *(Diz com um sorriso simpático enquanto pega os papéis)* Preciso voltar agora, foi um prazer conhecê-los.

Emissário sai de cena. Émilie se joga no sofá/poltrona, pois estava cansada e Voltaire tenta ajudá-la.

NARRADOR: Com a mais recente ameaça neutralizada, Émilie e Voltaire poderiam voltar a concentrar em ciência. A academia de Paris anunciou uma competição com um prêmio para quem conseguisse determinar a natureza do calor da luz e do fogo, já que pesquisadores anteriores, nem mesmo Newton, praticamente não trataram dela. Émilie ficou animada, fazendo com que Voltaire também se interessasse, principalmente porque se ganhasse ele almejava se tornar mundialmente famoso como o sucesso de Sir Isaac Newton.

Luzes se apagam

Fim da cena 2

CENA 3: A NATUREZA DO CALOR, DA LUZ E DO FOGO.

NARRADOR: Os investimentos de Voltaire estavam trazendo um ótimo retorno, o que significa que ele pôde gastar bastante dinheiro com equipamentos caros feitos pelos melhores artesãos. Além disso, ele não estava sozinho.

Luzes acendem

Apenas Moussinot e Voltaire estão em cena.

VOLTAIRE: Moussinot, meu caro. Preciso de um grande favor.

MOUSSINOT: Diga, senhor Voltaire.

VOLTAIRE: Quero que fale com os principais químicos de Paris e descubra o que os demais competidos estão fazendo para tratar do problema. E é claro... Meu nome não deve ser mencionado. Preciso saber exatamente o que não fazer para não perder meu precioso tempo de pesquisa.

MOUSSINOT: Isso será um problema, senhor. Qualquer um desconfiaria de um homem desconhecido pedindo informações como esta.

VOLTAIRE: Oh! Não se preocupe com isto. Andei conversando com um farmacêutico da academia sobre isso. Basta comprar 250 gramas de quinino. Um pedido tão grande deixará o comerciante de bom humor e será o bastante para extrair suas informações. Lembre-se de ser discreto.

Luzes apagam

Sonoplastia de suspense

NARRADOR: Para Voltaire, no entanto, ter Émilie ao seu lado era o mais importante. Ele não sabia o porquê ela insistia em gerir os criados e cuidar da recepção dos hóspedes, mas ele acreditava que ela ainda não tinha confiança em si mesmo ainda. Ela mesmo admitiu para ele que achava ter começado muito tarde, fazendo com que Voltaire conseguisse que ela

abandonasse seu próprio trabalho para ajudá-lo, dando a confiança que Voltaire precisava para enfrentar os maiores cientistas. Durante semanas, ela e Voltaire fizeram os criados arrastarem equipamentos, aqueciam e resfriavam metais, ateavam fogo numa pequena área da floresta com o objetivo de medir a taxa de propagação e até mesmo encomendaram um metro cúbico de madeira perfeito apenas para queimá-lo e medir a dilatação antes de virar cinzas. No entanto, os resultados eram confusos, pois alguns vezes os metais ganhavam peso ao serem aquecidos, como se o fogo fizesse com que uma substância da atmosfera se unisse ao metal. Enquanto isso, outros metais pareciam perder peso temporariamente. Voltaire recorreu a Moussinot algumas vezes mais, só que não adiantou e ele precisaria escrever todo o seu trabalho com aquilo que tinha em mãos.

Luzes acendem de forma sutil como uma meia luz

Voltaire caminha silenciosamente no palco semi-iluminado e se senta em sua escrivaninha que era iluminada por uma vela. Émilie entra logo em seguida e se senta em sua própria escrivaninha do outro lado do palco que também era iluminada por uma vela. Ambos escreviam algo.

NARRADOR: Émilie apoiava Voltaire e fazia os cálculos que ele precisava. Mas a noite, quando ele achava que era o único acordado escrevendo, Émilie também escrevia seu próprio trabalho. Vendo o fracasso de seu amado, Émilie decidiu participar da competição em segredo. Todas as noites, quando Voltaire achava que ela estava cansada e dormindo em sua cama, ela se debruçava em sua mesa iluminada a luz de velas.

Voltaire para na posição em que está como se o tempo parasse e apenas Émilie se levanta de sua escrivaninha e caminha para a borda do palco para interagir com o público.

ÉMILIE: Devem estar pensando sobre o motivo de eu não contar e ele sobre o fracasso de sua pesquisa. Imaginem a decepção que ele sentiria se eu dissesse que todo aquele trabalho era inútil, já que as balanças que ele usou eram imprecisas demais para detectar a sutil variação no peso dos metais. Além disso... me falta coragem... Voltaire é muito famoso no mundo civilizado e eu sou uma desconhecida. Apesar de ser sua primeira tentativa em uma pesquisa em física experimental, ele obteve sucesso nas demais disciplinas criativas a qual se dedicara. Eu, ao contrário dele, sequer tenho um trabalho original publicado. Aqui, mulheres não são vistas como cientistas, elas apenas consomem aquilo que é criado a partir do trabalho dos homens. Na verdade... Eu sequer decidi se realmente vou publicar ou não este trabalho... sinceramente? Não gostaria de me envergonhar...

Émilie volta a escrever em sua escrivaninha. O tempo permanece parado para Voltaire.

NARRADOR: O fato é que se opor a Voltaire sobre Frederico e o polêmico texto sobre Joana D'arc foi o primeiro passo para que Émilie visse a si mesmo de forma diferente. Ela percebeu que era capaz de panejar e visualizar como as coisas se transformariam para garantir que ela tivesse sucesso. A criatividade demandava autoconfiança, algo que ela tinha agora. Por vezes, enquanto escrevia, ela precisava parar e andar de um lado para o outro, ou até mergulhar seus braços em água gelada para que não caísse no sono.

Émilie se espreguiça na escrivaninha e se levanta para andar de um lado para o outro. O tempo permanece parado para Voltaire.

ÉMILIE: Muitos pensam na luz como sendo constituída de partículas, mas eu não concordo com isso.

Émilie se volta para o público.

ÉMILIE: Pensem comigo... no livro sobre Newton que ajudei Voltaire a escrever nós calculamos que os raios de luz chegam a nós numa velocidade próxima a 300 milhões de metros por segundo. 250 gramas de pólvora é capaz de disparar um tiro de canhão numa velocidade de aproximadamente 200 metros por segundo, causando grandes danos ao alvo. Se a luz realmente fosse composta de partículas sólidas, ainda que um trilhão de vezes menor, seria capaz de destruir todo e qualquer ser vivo do planeta. Ninguém sobreviveria ao impacto disso. Então...

Émilie caminha novamente em direção a escrivaninha e se senta, mas continua falando com o público.

ÉMILIE: E se, na verdade, a luz não tiver massa alguma?... Pensem bem... Se ela tivesse algum peso, o sol ficaria tão pesado que geraria uma enorme força gravitacional que nada poderia voar por perto. Mas durante o dia não vemos um buraco negro, e sim uma esfera incandescente.

Émilie coloca a mão próximo as chamas da vela.

ÉMILIE: Quando aproximamos a mão destas velas é possível sentir o calor que emana dela. O calor se propaga assim como a luz, mas é impossível controlar sua direção. Com a luz acontece o oposto. Na verdade, é possível mudar sua direção de propagação com bastante facilidade.

Émilie recolhe a mão.

ÉMILIE: Muitos pesquisadores sabem que a luz é composta por várias outras cores graças ao experimento do prisma. Eu mesmo já o fiz. Além disso, ela tem potência suficiente para aquecer todo o planeta, mas como ela não possui massa, é impossível que algo sólido esteja transportando todo esse calor.

Émilie apoia a cabeça na mão, e por sua vez o cotovelo é apoiado na mesa, ficando pensativa por alguns segundos.

ÉMILIE: É isso! (*Exclama*) Já tenho a solução. Querem saber?

Émilie espera que o público responda.

ÉMILIE: São as cores! As cores que transportam este calor. Cada cor, na verdade, levaria consigo quantidades diferentes de calor. Há um jeito de provar isto, mas... (*Émilie desanima um pouco*) não tenho um termômetro. Todo o equipamento é de Voltaire, e mesmo que pedisse ao meu marido eu jamais conseguiria fazer os experimentos sozinha. Também precisaria de um prisma e um ambiente insulado da luz para controlar o feixe que passaria por ele. O quarto que usamos anteriormente seria o ideal, mas teria que ser feito durante o dia e Voltaire descobriria o que estou fazendo. Se eu conseguisse separar as cores e medisse a temperatura de cada um dos feixes seria capaz de provar que elas transportam diferentes potenciais caloríficos, mas seria pega. Nesse caso... terei que esperar que no futuro alguém leia meu trabalho e o faça por mim...

Émilie volta a escrever e o tempo também congela para ela.

NARRADOR: Apenas 70 anos depois, em 1800, um astrônomo chamado Herschel, que sequer conhecia o trabalho de Émilie, fez quase o mesmo experimento descrito por ela. Como a posição do sol varia gradualmente, em algum momento o termômetro que media a temperatura da luz vermelha ficaria no escuro, mas a sua temperatura não diminuiria, sugerindo a presença de uma cor que não poderia ser detectada pelos nossos olhos. Herschel havia descoberto a luz infravermelha. Além de sugerir a experiência, Émilie também escreveu que no universo existiria uma enorme variação de cores, mas que muitas não eram visíveis. Infelizmente, qualquer trabalho que tivesse relação com os ideais newtonianos seria automaticamente barrado. Como se não fosse o bastante, Émilie sabia que sua originalidade não seria suficiente para o primeiro lugar, além disso, era mulher. No entanto, ela esperava ao menos ganhar uma menção honrosa. O trabalho da marquesa ficou em 6º lugar, enquanto Voltaire ficou em sétimo. Ainda que negasse, ele realmente ficou incomodado com isso, criando um clima de tensão entre eles. Maupertuis, que havia voltado triunfante de sua viagem ao polo norte e se tornado o cientista mais famoso da França, reconheceu o trabalho de Émilie e ainda escreveu para um acadêmico chamado James Jurin, dizendo que ao ler o trabalho dela ele não acreditaria que o prêmio fora dado a outrem. Ela agora fazia parte da rede de correspondências dos cientistas e eles estavam ansiosos para saber o que ela faria em seguida.

Luzes se apagam.

Fim da cena 3

Fim do 3º Ato

ATO 4: INVERNO

CENA 1: TENSÃO

Luzes permanecem apagadas

Sonoplastia de tensão

NARRADOR: Émilie e Voltaire se esforçaram para não falar sobre seus campos de atuação um com o outro, mas Voltaire reuniu as pistas e descobriu o atual interesse de Émilie em Leibniz, inimigo mortal de Newton. E ele, como um apoiador das ideias newtonianas, pensou que automaticamente deveria rejeitar as ideias de Leibniz. Ele achava aquilo um absurdo, mas Émilie não via dessa forma. Na verdade, ela se sentia muito privilegiada por poder ver tudo de fora, assim não era influenciada pelas visões das academias.

Luzes acendem.

Madame de Graffigny estava mexendo numa escrivaninha. Émilie entra em cena e fala enquanto caminha devagar na direção de onde Madame de G. está.

ÉMILIE: Tenho certeza de que há muito mais na ciência além do que aquilo que Maupertuis confirmou sobre Newton, e é exatamente isso que irei investigar (*Antes de prosseguir, a voz de Émilie muda para um tom em que ela se mostra claramente impaciente*) Já Voltaire continua se dedicando àquela história sobre o rei Luís XIV. Quem se importa com as batalhas de um rei contra os outros? Uma listagem de acontecimentos que foram desencadeados pela vaidade de um único homem.

NARRADOR: Um dia, a fofoqueira Madame de Graffigny os visitou e Émilie a pegou abrindo as gavetas trancadas com rascunhos proibidos de Voltaire.

Émilie chega perto de onde está a Madame de G., nota o que ela está furtivamente abrindo as gavetas de Voltaire e fica furiosa.

ÉMILIE: A senhora está roubando textos?!

MADAME DE G.: O que? Não! Eu apenas procurava algo de autoria do senhor Voltaire para ler, a gaveta estava aberta, eu realmente achei que os papéis aqui poderiam ser lidos.

ÉMILIE: Esta gaveta está sempre trancada, você que a abriu! Depois de tê-la recebido em nossa casa por todo esse tempo, e a alimentado de tudo o que temos de melhor... É assim que agradece a nossa hospitalidade?!

Voltaire passa por ali e nota toda a comoção.

VOLTAIRE: O que está havendo?

MADAME DE G.: A senhora du Châtelet me acusando de roubar os textos, senhor Voltaire.

ÉMILIE: Não negue, eu a vi! Sua traidora!

Voltaire abraça Émilie por trás e começa a tirá-la dali.

VOLTAIRE: Acho melhor a senhora também sair daqui Madame de Graffigny... e por favor... Perdoe Émilie...

MADAME DE G.: Sem problema algum, senhor Voltaire.

Voltaire tira Émilie de lá e Madame de G. os segue para fora da sala.

NARRADOR: Foi depois disso que Émilie de Voltaire resolveram estabelecer uma base em Paris e compraram o Palácio de Lambert. Ambos se divertiram durante as negociações, o que acabou diminuindo a tensão e fazendo-os perceber que precisavam de assuntos em comum além de literatura e ciência. O processo judicial com a meia-irmã de Émilie ainda corria. Concluíram que, com a compra de uma casa cara, uma viagem a Bruxelas poderia acelerar o processo que eles acabariam por ganhar algum dinheiro extra. Se hospedaram num lugar sem quase nenhum livro e notaram o quanto tinham em comum, mas a paz acabou assim que Voltaire percebeu o motivo pelo qual ela estava tão distraída nos últimos dias: O seu novo trabalho científico. Por vezes ela recorria a ajuda editorial de Voltaire que nem sempre resistia em argumentar que as preocupações que tinha eram vãs.

Émilie entra apressada no palco, seguida por Voltaire. Ela está furiosa, assim como ele.

VOLTAIRE: Está dizendo que existem muitos mundos possíveis, mas que de alguma forma vivemos naquele que é perfeito? Não percebe o quanto isso é absurdo? Como um mundo cheio de guerras, tortura e tudo mais é perfeito?

Émilie imediatamente para e se volta para Voltaire.

ÉMILIE: Por acaso faz de propósito? Tem desrespeitado o nosso acordo de não nos metermos nos estudos um do outro e travado uma guerra pública com minhas ideias através dos textos que publica enquanto distorce as coisas que digo!

VOLTAIRE: Não estou tentando distorcê-las, mas não concordo com elas. E já que não me escuta em casa eu precisava de alguma forma mostrá-la os absurdos que está escrevendo. Se o universo não parte de um grande e elaborado projeto divino, então como é possível compreender, intervir ou até mesmo transformá-lo? O que poderíamos fazer contra um destino enviado por Deus?

ÉMILIE: O mundo não é perfeito, é claro, mas é preciso enxergar as sutilezas daquilo que nos cerca. Nossos olhos, por exemplo, tem um limite de amplitude de maneira que até mesmo um falcão é capaz de enxergar melhor que nós. Imagine se fôssemos capazes de enxergar tão bem quanto qualquer um de nossos instrumentos ópticos? Não seríamos capazes de ver uma topografia geral e seríamos tão inúteis quanto um gigante cego. Não vivemos no mundo perfeito porque o mundo perfeito não existe, mas existe nele uma troca compensatória que faz com que ele seja o melhor possível.

VOLTAIRE: Isso não faz nenhum sentido!

Émilie bufa, então apenas se vira e começa a caminhar para fora do palco.

VOLTAIRE: Émilie, espera! *(Diz, correndo atrás de Émilie)*

Luzes apagam

Sonoplastia de suspense

NARRADOR: Voltaire não ouvia. As discussões escalonaram gradualmente até que eles percebessem que não mais poderiam ser amantes. Algum tempo depois Émilie conheceu Saint-Lambert, mas a relação deles só durou até o momento em que ele percebeu que ele não seria capaz de rivalizar com uma mulher e se sentia envergonhado em admiti-lo. Ao invés de dar um fim ao relacionamento ele resolveu ignorá-la, e em uma das poucas vezes que tiveram relações depois disso, Émilie engravidou aos 42 anos de idade, ainda que sempre tomasse muito cuidado. Ela sabia que havia poucas chances de sobreviver ao parto naquela idade.

Fim da cena 1

CENA 2: VIDA E MORTE

Luzes acendem

Voltaire e Émilie estão sentados um ao lado do outro. Voltaire segura e acaricia as mãos de Émilie como um gesto de conforto.

NARRADOR: Émilie pediu para que ela e Voltaire retornassem a Cirey. Ele notou sua inquietação durante todo o caminho até que ela enfim contou a situação em que se encontrava.

ÉMILIE: Pedi a Florent-Claude que também fosse a Cirey. As pessoas devem acreditar que esta criança é legítima... *(Diz em tom de tristeza)*

VOLTAIRE: Temos que nos apressar, você precisa estar com Florent-Claude o mais rápido possível.

NARRADOR: Quando ela e Florent-Claude chegaram a Cirey, nem Voltaire, nem qualquer outra pessoa interrompeu os momentos de Émilie com seu marido. Eles cavalgavam conversavam e passavam a noite juntos até que eles enfim anunciassem oficialmente a gravidez. Após tudo estar resolvido e ser parabenizada por todos, Émilie precisava concluir o seu primeiro livro.

ÉMILIE: Voltaire, precisamos voltar a Paris. Os recursos que possuo lá são melhores para concluir minha pesquisa.

Luzes apagam

NARRADOR: Porém, no meio da estrada, o eixo de uma das rodas da carruagem se partiu por conta do peso extra dos baús cheios de papéis e livros.

Sonoplastia de queda de escada/batida

VOLTAIRE: Estamos bem! *(gritou para os criados)*

COCHEIRO: Se aqueçam todos! O resgate vai demorar um pouco!

NARRADOR: Os criados saíram em busca de ajuda enquanto Voltaire e Émilia improvisaram uma cama de travesseiros abaixo de si, se enrolaram em cobertores e passaram horas aquecendo um ao outro para se isolarem do frio da espessa camada de neve em que estavam deitados. Após o resgate, eles conseguiram chegar ao seu destino e para que pudesse se concentrar em seu trabalho, Émilie tentava isolar-se das multidões que lhe faziam convites para sair. Ela também adotou o procedimento da sangria como algo preventivo dada a sua situação e foi para Versalhes para que pudesse realizá-lo, e foi lá que se encontrou com Estanislau.

Luzes acendem

Apenas Émilie e Estanislau estão em cena sentados à mesa.

ESTANISLAU: Fico fascinado com a sua visão e a do senhor Voltaire sobre os textos bíblico, senhora du Châtelet.

NARRADOR: Émilie finalmente concluiu o seu livro, finalmente, e sua fama se espalhou por Lunéville. O contato entre ela e Estanislau ficou cada vez mais frequente. Eles jantaram juntos algumas vezes e ele fazia inúmeras perguntas sobre o tópico religião e ciência.

ESTANISLAU: Sei que precisa estar confortável durante a gestação, por isso sinto-se a vontade para se instalar em um de meus quartos no palácio Trianon quando desejar.

ÉMILIE: É realmente um ótimo lugar, senhor Estanislau. Perfeito para minhas pesquisas. Irei considerar a oferta.

ESTANISLAU: Também deixarei um quarto reservado para você no palácio principal de Lunéville para quando o momento chegar. Vou garantir que todos os excrementos estarão bem distantes de seu quarto.

ÉMILIE: Muito obrigada, senhor. É realmente muita generosidade.

Estanislau fica pensativo.

ESTANISLAU: Madame... já se perguntou o que aconteceria com Deus quando a ciência substituir as crenças que somos ensinados desde muito cedo?

Luzes apagam.

NARRADOR: Estanislau tinha 70 anos e apenas aguardava pelo momento em que partiria deste mundo, enquanto Émilie temia não sobreviver ao parto. Era normal que alguém que

carregasse esses destinos fizesse perguntas como esta. Émilie não sabia responder naquele momento, mas ela acreditava que poderia encontrar a resposta em Newton.

Luzes acendem.

Émilie e Voltaire estavam sentados no sofá/poltrona conversando.

ÉMILIE: Percebi uma espécie de tradição enquanto estudávamos os textos bíblicos. Como se a grande verdade estivesse nos significados ocultos contidos nos versos.

VOLTAIRE: Está sugerindo que Newton propositalmente escreveu “Principia” de forma que é possível interpretá-la de mais de uma maneira?

ÉMILIE: Sim, é exatamente o que estou dizendo. Eu acredito que a verdade está nas sutilezas. Realmente penso que as maiores descobertas estão contidas em sua obra de uma maneira mais profunda.

NARRADOR: Émilie queria eternizar o seu nome da história assim como Newton, que se tornou assunto de inúmeras conversas ainda depois de sua morte. Nos seus últimos meses de vida ela resolveu que iria produzir uma tradução comentada os escritos de Newton. Enquanto isso, Voltaire se preocupava quando ela não comia ou dormia tarde demais por estar ocupada escrevendo. Voltaire acompanhou Émilie e ficou ao seu lado temendo que seu elo com ela cultivado durante anos fosse quebrado pelo chamado da morte. Ela estava decidida a terminar a sua obra e concluiu o seu manuscrito no dia 30 de agosto. Quando Émilie foi escrever para o diretor da Livraria Rei, Voltaire também estava ao seu lado.

Émilie pega papel e caneta e apoia na capa de um livro para escrever a carta.

ÉMILIE: Seria muito gentil se elas fossem registradas de modo a não se perderem. O senhor de Voltaire, que está aqui ao meu lado, envia-lhe os seus mais ternos cumprimentos. *(Émilie lê em voz alta enquanto escreve)*

Luzes se apagam

NARRADOR: Émilie du Châtelet deu a luz na noite de 3 de setembro e morreu por infecção causada pelo parto no dia 10 de setembro. A menina que tivera morreu logo depois. Sua tradução e comentários da obra “Principia” de Newton, publicada 10 anos após sua morte, foram fundamentais no desenvolvimento da física teórica do século XVIII, sendo a base de boa parte da ciência contemporânea.

Luzes acendem

Voltaire encontra-se ajoelhado no chão com um dos pertences de Émilie.

VOLTAIRE: Émilie... Quando partiu... senti que perdi metade de mim... uma alma para a qual a minha foi feita... Sereno hei de esperar. No meu meridiano nos campos de Cirey. Uma única estrela a velar... A velar minha Émilie...

Luzes se apagam gradualmente.

Fim da peça.

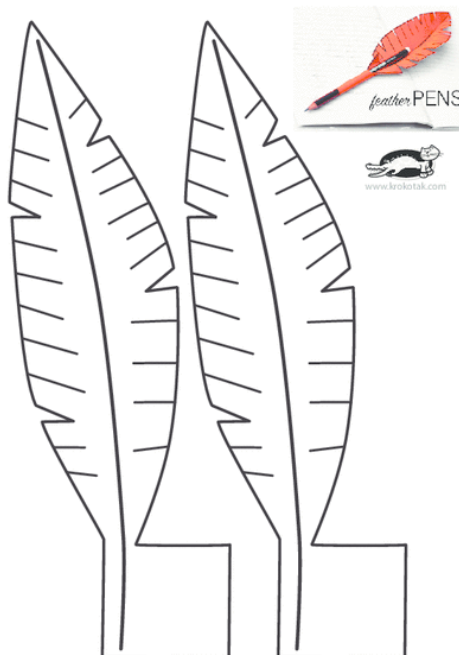
ANEXOS

Anexo A- Imagem de carruagem que pode ser usada como inspiração para o tótem do cenário



Fonte: <https://i.pinimg.com/originals/c4/e3/07/c4e307c59133fbacf17954b2e8fd2786.jpg>

Anexo B- Molde de lápis de pena que pode ser usado como elemento cênico



Fonte: <https://i.pinimg.com/originals/78/b8/37/78b837185a91b2a27de90f1ccbc743ab.gif>